

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSANA CAMPOS RODRIGUES

O PAPEL DA AVALIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DE TIMBIRAS-MA.

CODÓ
2019

ROSANA CAMPOS RODRIGUES

O PAPEL DA AVALIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS
COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES DAS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DE TIMBIRAS-MA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação
do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão,
campus VII, Codó, como requisito para obtenção de grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa

CODÓ
2019

ROSANA CAMPOS RODRIGUES

O PAPEL DA AVALIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DE TIMBIRAS-MA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, campus VII, Codó, como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
(Orientadora)

Prof. Dr. Aziel Alves Arruda
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
(1º Examinador)

Profa. Ma. Maria Evelta Santos de Oliveira
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
(2ª Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues, Rosana Campos.
O PAPEL DA AVALIAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM : REFLEXÕES DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS DOS DOCENTES DE TIMBIRAS-MA / Rosana Campos
Rodrigues. - 2019.
62 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2019.

1. Avaliação. 2. Diagnóstico. 3. Dificuldade de
aprendizagem. I. Dias Martins da Costa, Cristiane. II.
Título.

Ao meu querido filho Enzo Eriky e minha sobrinha Lourrany Maria,
razão pelo qual eu fiz este curso. Meu amor por vocês é incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por estar comigo em todos os momentos de minha vida, principalmente, ao longo dessa trajetória acadêmica, dando-me forças e sabedoria para vencer os desafios que foram propostos.

À minha família pelo apoio e compreensão.

Ao meu companheiro Franklin Oliveira, pelo incentivo e por não me deixar desistir.

Ao meu compadre Edelson e meu amigo Michael, que sempre me ajudaram nos momentos difíceis.

À família Dransfeld, por todo carinho, atenção e ajuda durante minha caminhada.

À minha Galera do Fundão, por compartilhar comigo suas experiências enriquecendo meus conhecimentos.

À minha orientadora Cristiane Dias Martins da Costa, pela dedicação, comprometimento e pela confiança.

Aos meus professores especialistas, mestres e doutores que sempre estiveram preocupados com a nossa formação.

Centro de Atendimento a Criança (CAC), na qual foi meu primeiro contato com a temática desenvolvida neste trabalho.

Associação Arco Iris de Timbiras e Münster.

Secretaria Municipal de educação de Timbiras e Conselho Municipal de Educação, que abriram as portas para minha pesquisa.

Ao Centro Educacional Arco Iris, por abri as portas para que eu exercesse minha profissão.

Enfim, a todos que de alguma forma, não menos valiosa, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho tão importante e significativo para mim.

A avaliação da aprendizagem necessita para cumprir seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida. A condição necessária para que isso aconteça é de que a avaliação deixe de ser utilizada como um recurso de autoridade, que decide sobre os destinos do educando, e assuma o papel de auxiliar o crescimento.

(LUCKESI, 2011,p.184)

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Nomes das Escolas.....	15
Tabela 2. Dados IDEB Timbiras/MA	38
Tabela 3. Quantidades de turmas do 3ºano por escolas.	39
Tabela 4. Perfil dos docentes que representam a amostragem da pesquisa	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Dificuldades mais presentes na sala de aula	42
Gráfico 2. Fatores que contribuem para que alunos apresentem dificuldades de aprendizagem	44
Gráfico 3. Desafios em trabalhar com os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem ..	45
Gráfico 4. Avaliação	47
Gráfico 5. Estratégias utilizadas para fazer diagnóstico	48
Gráfico 6. Metodologia utilizada para facilitar o processo de ensino aprendizagem	50
Gráfico 7. Projetos desenvolvidos para facilitar o processo de ensino aprendizagem	51
Gráfico 8. Formação a acerca da temática.....	53

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAC – Centro de Atenção a Criança

CME – Conselho Municipal de Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico

LPA – Associação de Deficiências de Aprendizagem da América

MEC – Ministério da Educação

NJCLD – National Joint Committee of Learning Disabilities

PNE – Plano Nacional de Educação

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Este trabalho visou analisar e refletir sobre as estratégias utilizados pelos professores para realização de diagnóstico com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita. Deste modo, o interesse pela temática surgiu a partir da experiência de trabalho no projeto chamado Centro de Atenção a Criança (CAC), bem como ao ingressar no ano de 2015 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e realizar estágio supervisionado II em uma turma de 3º ano em uma Unidade de Ensino no Município de Timbiras. Na qual, foi possível observar durante a regência que uma turma com 26 alunos, apenas 5 sabiam ler e escrever, bem como interpretar um texto. Desta maneira, percebi que muitos alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem tanto na escrita como na leitura e na maioria das vezes misturam os números com as letras. Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida com os docentes que atuam nas turmas do 3º ano do Município de Timbiras/MA para compreender como esses alunos chegaram até o terceiro ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever, e como os professores identificavam e trabalhavam com essas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados o questionário, sendo os dados obtidos submetidos à análise de conteúdo. Para elaboração deste trabalho foram feitas as leituras dos seguintes autores, Crenitte e Ciasca (2007), Smith e Strick (2001), Gimenez (2005), Luckesi (2011), dentre outros. Nessa perspectiva, as categorias selecionadas para a pesquisa foram reflexões sobre a dificuldade de aprendizagem na escola, bem como as suas características, além do papel do professor no processo de ensino aprendizagem. Também foram abordado os tipos de avaliação escolar e o papel da avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem. Compreende que a avaliação contribui para melhoria da qualidade do ensino, tanto do aluno quanto na prática do professor, principalmente quando se utilizar a avaliação diagnóstica. Portanto, a avaliação consiste em informar ao professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, bem como, ajuda o mesmo na criação de estratégias para se trabalhar com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Sendo assim, considera-se que este trabalho trouxe respostas satisfatórias para os questionamentos levantados acerca das dificuldades enfrentadas pelos alunos, bem como as metodologias utilizadas pelos professores que atuam nas turmas de 3ºano no Município de Timbiras.

Palavras-chave: Avaliação. Diagnóstico. Dificuldade de aprendizagem.

ABSTRACT

This work aimed to analyze and reflect on the strategies used by the teachers to carry out a diagnosis with students who have difficulty learning in reading and writing. In this way, the interest for the theme arose from the experience of work in the project called Center of Attention to the Child (CAC), as well as to enter the year of 2015 in the Federal University of Maranhão (UFMA) and to carry out supervised stage II in a class of 3rd year in a Teaching Unit in the Municipality of Timbiras. In which it was possible to observe during the regency that a class with 26 students, only 5 could read and write, as well as interpret a text. In this way, I realized that many students have difficulties learning both in writing and reading and most of the time they mix the numbers with the letters. In this sense, the research was developed with teachers who work in the 3rd year classes of the Municipality of Timbiras / MA to understand how these students reached the third year of elementary education without being able to read and write, and how teachers identified and worked with children with learning disabilities. For this purpose, the questionnaire was used as a data collection instrument, and the data obtained were submitted to content analysis. For the preparation of this work, the following authors were read: Crenitte and Ciasca (2007), Smith and Strick (2001), Gimenez (2005), Luckesi (2011), among others. From this perspective, the categories selected for the research were reflections on the difficulty of learning in the school, as well as its characteristics, besides the role of the teacher in the process of teaching learning. We also discussed the types of school evaluation and the role of diagnostic evaluation in the teaching and learning process. Understand that evaluation contributes to improving the quality of teaching, both the student and the teacher's practice, especially when using the diagnostic evaluation. Therefore, the evaluation consists of informing the teacher about the level of knowledge and skills of his students, as well as helping the same in the creation of strategies to work with students who have learning difficulties. Therefore, it is considered that this work brought satisfactory answers to the questions raised about the difficulties faced by the students, as well as the methodologies used by the teachers who work in the 3rd grade classes in the Municipality of Timbiras.

Keywords: Evaluation. Diagnosis. Difficulty learning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA	17
1.1 As dificuldades de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem	17
1.2 Dificuldade x Distúrbio de aprendizagem.....	19
1.3 O papel do professor no processo de avaliação	22
CAPÍTULO 2 – O PAPEL DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	26
2.1 O papel da avaliação escolar	26
2.2 Os tipos de avaliação escolar	30
2.3 A avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem.....	33
CAPÍTULO 3 – OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	37
3.1 Breve contexto educacional do município de Timbiras.....	37
3.2 O perfil docente dos entrevistados	39
3.3 Desafios e superações vivenciados pelos professores	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO.....	60

INTRODUÇÃO

De acordo com Gimenez (2005), quando se fala em dificuldades decorrentes no processo de escolarização torna-se necessário compreender, entre outras coisas, aquilo que os autores têm publicado e como a tem sido abordada os aspectos intervenientes quando os alunos não aprendem.

O distúrbio de aprendizagem é causado por fatores internos, uma disfunção neurológica, necessitando de acompanhamento médico. A dificuldade pode ser determinada por fatores orgânicos, emocionais ou cognitivos, que podem ser resolvidos no ambiente escolar e por meio de acompanhamento psicopedagógico. Em ambos os casos, é o professor o primeiro a estar em contato com tais dificuldades. Sendo assim é importante que o professor esteja atento para identificar essas dificuldades ou distúrbios para que suas intervenções pedagógicas sejam mais adequadas e, ainda, quando necessário, encaminhar o aluno ao tratamento especializado. Nesse sentido, percebe-se a importância do papel da escola em compreender as dificuldades apresentadas pelos alunos, bem como, buscar estratégias para se trabalharem com esses discentes.

Deste modo, o interesse pela temática surgiu a partir da experiência de trabalho no projeto chamado Centro de Atenção a Criança (CAC) onde o mesmo foi criado através de doações vinda da cidade de Münster na Alemanha e funciona na cidade de Timbiras, MA. O projeto funciona desde 2008 e tem como público alvo pessoas de 7 a 28 anos de idade, sendo crianças com dificuldade de aprendizagem e com síndrome.

O CAC tem como objetivos apoiar as famílias, ajudar na educação escolar, no meio social, cultural da criança e do adolescente, principalmente aquelas que têm dificuldade de aprendizagem. O trabalho é realizado através de jogos pedagógicos, alfabeto fônico, além de outras atividades que envolvem a interação entre as crianças, tornando a aprendizagem mais significativa para elas. Com a participação nesse projeto, tive a oportunidade de participar de formação realizada pelas pedagogas alemãs Martina Artz e Eleana Artz. Nessa formação as mesmas ensinaram como identificar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Ao participar deste projeto, tive a oportunidade também de participar de um grupo de intercâmbio no ano de 2007 em Münster na Alemanha. Neste intercâmbio, pude participar de uma oficina de jogos, na qual foi ensinado construir jogos, bem como suas regras. Todos os jogos confeccionados foram doados para trabalhar com as crianças do projeto CAC. Em 2014 fui novamente para Alemanha, agora como coordenadora de grupo e educadora social, nesse

intercâmbio aprendi a trabalhar com a matemática e como utilizar diferentes recursos didáticos para incentivar os alunos no processo de ensino aprendizagem.

Diante deste contexto, foi possível compreender e entender melhor as dificuldades de aprendizagem que alguns alunos apresentam, bem como a importância da avaliação diagnóstica para trabalhar com os alunos dificuldades de aprendizagem.

Assim, ao ingressar no ano de 2015 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) campus Codó e passar pelo estágio, pude vivenciar ainda mais essa temática, pois a partir da realização do estágio supervisionado II no Ensino Fundamental no Município de Timbiras, realizado em uma turma de 3º ano em uma Unidade de Ensino, foi possível observar durante a regência que uma turma com 26 alunos, apenas 5 sabiam ler e escrever, bem como interpretar um texto. Desta maneira, percebi que muitos alunos apresentam dificuldades de aprendizagem, na escrita, na leitura e no raciocínio lógico, pois muitos estudantes só sabiam escrever até o número 13 e na maioria das vezes misturam os números com as letras.

Deste modo, fiquei me questionando como esses alunos chegaram até o terceiro ano do ensino fundamental sem saber escrever os números, as letras e até mesmo o próprio nome? Como as professoras identificavam e trabalhavam com essas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem?

Nessa perspectiva, este trabalho visou analisar e refletir sobre as estratégias utilizados pelos professores para realização de diagnóstico com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita e como essas docentes trabalham com esses alunos. Sabemos que as dificuldades de aprendizagem estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, mas focaremos nesta pesquisa o ambiente escolar. Sabemos ainda, que as dificuldades de aprendizagem podem estar interligadas com vários fatores, o ambiente familiar, fatores sociais, o ambiente escolar e com as metodologias utilizadas pelos professores entre outros. Nesse sentido, pretendeu com a pesquisa demonstrar quais as dificuldades de aprendizagem mais recorrentes nas turmas do 3º ano do Município de Timbiras, bem como a utilização de diagnóstico e estratégias utilizadas pelos docentes.

No que se refere a educação, de acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2017, o município de Timbiras atingiu a meta prevista de 4,0 para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, se observamos individualmente os dados por escola, percebemos que algumas escolas não alcançarão esta meta, como nos mostra a tabela 1 abaixo. Ressaltando que as duas escolas que não apresentam dados, pois as mesmas não possuem turmas de 5º na qual é realizada a Prova Brasil.

Tabela 1.Nomes das Escolas

	ESCOLAS	IDEB 2017	META
1	UE Luís Felix	3,8	4,3
2	UE Faustina Araújo	4,5	3,8
3	UE Paulino dos Santos	4,0	4,6
4	UE Maranhão Sobrinho	4,3	4,8
5	UE José Maria Alvim	3,4	4,2
6	CEF Manoel Burgos	4,3	4,3
7	CEF Mundoca Alvim	3,5	4,8
8	UE José Sarney	--	--
9	UE Dica Pereira	--	--

Fonte: 1 <https://www.qedu.org.br/cidade/3427-timbiras/ideb>

De acordo com Algeri (2014), a partir do final do 3º ano, os erros de grafia começam a preocupar com mais intensidade os professores. Nesta fase, considera-se que os alunos, após 3 anos de alfabetização tenham assimilado o processo de aquisição da leitura e da escrita e que o façam com espontaneidade.

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi identificar as dificuldades mais recorrentes nas turmas de 3º ano referentes à aprendizagem da leitura e escrita; os principais motivos no ponto de vista dos docentes, dos alunos estarem apresentando dificuldades em aprender a ler e escrever; e por fim, verificar as estratégias utilizadas pelos docentes para trabalhar com as crianças que estão aquém do esperado pela série/ano.

Para responder aos objetivos propostos, a pesquisa apoiará nas abordagens quantitativa e qualitativa, que segundo Minayo, (2001, p.22), “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos que não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer tipo de dicotomia”. Nesse sentido, a pesquisa foi realizada através de pesquisa bibliográfica que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008, p.44). E também através do trabalho de campo que se consistiu em visitar as nove escolas com turmas de 3º ano no município de Timbiras, para a aplicação de um questionário com os docentes. Segundo Pinheiro (2010, p. 35-36) o questionário consiste em “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”.

Nesse sentido, a pesquisa foi organizada em três momentos, sendo o primeiro para explanar sobre as reflexões sobre a dificuldade de aprendizagem na escola, bem como as suas características, além do papel do professor no processo de ensino aprendizagem. No segundo capítulo aborda o papel da avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem, assim como seu papel no ambiente escolar. Retrata ainda os tipos de avaliação escolar e o papel da avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem. No seu último capítulo traz a história do município de Timbiras-MA, bem como os resultados dos questionários aplicados com os professores que atuam nas turmas de 3ºano, além das minhas considerações a acerca da pesquisa desenvolvida.

CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Neste capítulo, será discutido as dificuldades no processo de ensino aprendizagem, bem como problemas que afetam esse processo. Sabemos que quando essas dificuldades não são identificadas tornam-se um peso na vida escolar para os estudantes. Deste modo, deve-se identificar as dificuldades de aprendizagens e suas características, para isso o professor tem um papel importante enquanto mediador do conhecimento, pois os professores são os principais sujeitos que no decorrer de sua prática educativa percebem em qual nível de aprendizagem ou quais dificuldades que seus alunos apresentam.

Nesse sentido, este capítulo está estruturado em três tópicos, onde o primeiro aborda a questão das dificuldades de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem, apresentando a relevância de compreendermos as dificuldades de aprendizagem, bem como levar em consideração todos os fatores que estão ligados à criança no processo de ensino aprendizagem. No segundo tópico apresenta a diferença dos termos dificuldade x distúrbio de aprendizagem, e o último ressalta o papel do professor no processo de avaliação com os alunos que apresentam alguma dificuldades de aprendizagem.

1.1 As dificuldades de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem

Os baixos desempenhos e /ou dificuldades na aprendizagem formal manifestadas pelos alunos só podem ser compreendidos quando se considera a pluralidade de variáveis que compõem o processo de ensinar/aprender. Esta compreensão permite afirmar que, apesar das dificuldades apresentarem-se no indivíduo, estas não se constituem como um problema único dele, portanto, só podem ser compreendidas quando se olha para o todo o processo (GIMENEZ, 2005).

A aprendizagem faz parte da vida, é um processo em que são assimiladas diversas habilidades. Ciasca (2003) define a aprendizagem como um processo evolutivo e constante, que envolve um conjunto de modificações no comportamento do indivíduo, tanto a nível físico, como do ambiente no qual está inserido, onde todo esse processo emergirá sob a forma de novos comportamentos. Na fase escolar estas habilidades se tornam pré-requisitos para a aquisição de novos conhecimentos como apontam Klein e Tarrabaika (2013).

Assim, se essa aprendizagem de algum modo é rompida por algum problema, os alunos acabam sofrendo no processo de ensino aprendizagem, como afirmam Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007). As autoras ressaltam que para haver um processo de aprendizagem são

necessários elementos comunicadores: a mensagem, o receptor e o meio ambiente, interagindo um com o outro, onde, na falha de um deles gera um problema. Deste modo, Klein e Tarrabaika (2013), ressaltam que reconhecer algumas características destas dificuldades em seus educandos lhe permitirá uma boa observação e um encaminhamento precoce do aluno, possibilitando também ao professor buscar novos métodos pedagógicos, a fim de melhorar a vida escolar, social e familiar desta criança.

Entretanto, sabemos que as dificuldades de aprendizagem são problemas que afetam muitos alunos e quando essas dificuldades não são identificadas pelos educadores tornam-se um peso na vida escolar. Nesse sentido, de acordo Smith e Strick (2001) uma vez que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas, elas só podem ser formalmente identificadas até que uma criança comece a ter problemas na escola. As autoras ainda ressaltam que as crianças com dificuldades de aprendizagem comumente estão lutando em uma ou mais de quatro áreas básicas que evitam o processamento adequado de informações, sendo elas: *atenção, percepção visual, processamento da linguagem* ou *coordenação muscular*.

Corroborando com as autoras Smith e Strick (2001), as autoras Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007) afirmam que para o aluno aprender é necessário uma série de pré-requisitos para que se desenvolvam as condições, as capacidades e as habilidades no processo de ensino aprendizagem, sendo que essas ações incluem as áreas de: motricidade, ou seja, o engatinhar, rolar, sentar e dentre outras, a integração sensorio motor (equilíbrio, ritmo, agilidade, lateralidade, tec.), habilidades perceptivo motoras (percepções, acuidade visual, memória, coordenação motora fina, etc.) desenvolvimento da linguagem que está relacionada com a articulação, habilidades conceituais (classificação, seriação, conceito numérico, compreensão e etc.) e por fim, habilidades sociais que estão ligada a questão social, maturidade, criatividade dentre outras).

Nesse sentido, de acordo com as autoras Smith e Strick (2001) entende-se que para criança aprender é necessário que ela desenvolva essas habilidades, pois o não desenvolvimentos desses pré-requisitos acabam que prejudicando o início da alfabetização. Nesse viés, falar sobre dificuldades de aprendizagem envolve não só o processo de ensino, mais a ação do educador e dos alunos que são os que mais sofrem. Pois, de acordo com Smith e Strick (2001) para as crianças superarem as dificuldades de aprendizagem, é muito importante que tanto os pais quanto os estudantes compreendam exatamente em quais dessas áreas estão os déficits. As autoras também destacam que as crianças com dificuldades de aprendizagem, tipicamente, demonstram atrasos apenas em algumas áreas; em outras, seu desenvolvimento

será normal ou até mesmo avançado (o atraso em todas as áreas do desenvolvimento, geralmente, é sinal de uma deficiência mais séria). Smith e Strick (2001) ressaltam que essa informação é essencial para a avaliação do programa educacional da criança e para a determinação dos tipos de mudança necessárias. Ainda de acordo com as autoras, as crianças com dificuldades de aprendizagem geralmente precisam enfrentar suas dificuldades por anos antes de ser feito um esforço intensivo para descobrir-se o melhor meio de ajudá-las. Assim, para compreendermos as dificuldades de aprendizagem devemos levar em consideração todos os fatores que estão ligados à criança no processo de ensino aprendizagem, pois segundo Gimenez (2005), as dificuldades de aprendizagem existentes no processo de escolarização só podem ser compreendidas a partir dessa multiplicidade de fatores, ou seja, a inadequação dos métodos utilizados pelos professores, fatores sócio econômico, ambiente familiar, dentre outros. Ainda segundo Gimenez (2005), essa compreensão evidencia que este processo envolve não apenas o sujeito que aprende, deixando claro que esses fatores devem ser considerados em sua totalidade.

Para entender as dificuldades de aprendizagem é necessário diferenciar do conceito de distúrbio de aprendizagem a partir de alguns conceitos apresentados por diferentes autores.

1.2 Dificuldade x Distúrbio de aprendizagem

De acordo com Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007), descrever a diferença entre distúrbios de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem nos mostra um dos equívocos que leva a uma concepção errônea da dificuldade de aprender, e isso se deve pela interpretação, as vezes, incorreta do termo, pois, muitas vezes, o termo distúrbio de aprendizagem aparece na literatura como sinônimo de outros: dificuldade escolar, problema de aprendizagem, dificuldade na a aprendizagem e, até mesmo, pela tradução errada do termo inglês “*learning disabilities*”. Deste modo, ao fazer estas definições, percebe-se as igualdades e as diferenças nestas definições.

Assim de acordo com Associação de Deficiências de Aprendizagem da América (LDA), as dificuldades de aprendizagem são problemas de processamento baseados na neurologia. Esses problemas de processamento podem interferir no aprendizado de habilidades básicas, como leitura, escrita e / ou matemática. Eles também podem interferir com habilidades de nível superior, como organização, planejamento de tempo, raciocínio abstrato, memória de longo ou curto prazo e atenção. Assim, podemos perceber que as dificuldades de aprendizagem podem afetar a vida de um indivíduo.

Na perspectiva de Antunes (1999, p.69), dificuldade de aprendizagem envolve alunos comuns, aparentemente sem danos de natureza médica ou psicológica que necessitem de práticas educativas especiais. Para Smith e Strick (2001, p. 15) o termo dificuldades de aprendizagem deve se referir a uma gama de problemas.

Não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes domésticos e escolar. As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em tipos gerais, mas uma vez que, com frequência, ocorrem em combinações – e também variam imensamente em gravidade -, pode ser muito difícil perceber o que os estudantes agrupados sob esse rótulo têm em comum Smith e Strick (2001, p. 15).

No que se refere ao distúrbio de aprendizagem, a definição dada pelo National Joint Committee of Learning Disabilities (NJCLD), proposta por Hammil em 1981 e ratificada em 1990, diz o seguinte:

Distúrbio de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio matemática. Essas desordens são intrínsecas ao indivíduo, presume-se serem uma disfunção do sistema nervoso central. Entretanto, o distúrbio de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras desordens como distúrbio sensorial, retardo mental, distúrbio emocional e social, ou sofrer influências ambientais como diferenças culturais, instruções inapropriadas ou insuficientes, ou fatores psicogênicos. Porém, não são resultados diretos destas condições ou influência. (HAMMIL, 1990, p.77).

Corroborando com National Joint Committee of Learning Disabilities (NJCLD), Antunes (1999, p.69), ressalta que os distúrbios de aprendizagem se refere a um problema mais amplo, pois está ligado as dificuldades significativas de aquisição e ao uso das capacidades de compreensão e expressão linguística, tanto oral como na leitura e na escrita e da capacidade de compreensão de operações lógica-matemática. Ainda segundo o autor, o distúrbio de aprendizagem é uma disfunção no sistema nervoso central, que precisam de cuidados mais amplo, já que consiste em uma alteração nos processos psicológicos do educando.

Nessa perspectiva, de acordo com Gimenez (2005, p.82) compreender as terminologias para designar um aluno que não aprendeu, é necessário compreender que fatores estão causando tal situação. Assim, compreender tal situação, implica considerar as múltiplas causas tanto das dificuldades como do distúrbio de aprendizagem, bem como deve levar em consideração os atores do processo de ensino aprendizagem, uma vez que educando, escola,

professores e responsáveis fazem parte desse processo. Logo que, deve-se ressaltar a importância de outros especialistas para fazer um diagnóstico dos alunos com distúrbio, assim destacamos o papel do psicopedagogo, pois o mesmo tem um papel importante no processo educativo, principalmente, nos alunos que apresentam dificuldade na aprendizagem e necessitam de um olhar diferenciado para que se sinta integrado no espaço escolar.

Nesse sentido, a minha pesquisa aborda o conceito de dificuldade, dando ênfase nas estratégias utilizadas pelos docentes, bem como na avaliação diagnóstica, pois esta metodologia auxilia os professores a realizar uma avaliação de inclusão dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, além de poder fazer a diferença não só no trabalho docente mais na vidas dos educandos.

Nesse viés, de acordo com a análise dos dados dos questionários aplicados aos 10 professores das 6 escolas de Timbiras, observa-se que as turmas possuem entre 18 a 29 alunos por turma. Referente a quantidade de alunos que apresentam alguma dificuldade na leitura e escrita nas turmas do 3º ano, os docentes não informaram. Deste modo, as dificuldades mais recorrentes descritas pelos professores estão relacionadas a coordenação motora, ao não reconhecimento das letras, bem como o seu som, números, concentração para escrever palavras simples, dificuldade para transcrever palavras do quadro, falta de atenção e o não acompanhamento familiar.

Foi pontuado também pelos entrevistados que as possíveis causas das dificuldades que os alunos das turmas de terceiro ano estão apresentando, se dá pela falta de interesse, fatores cognitivos, emocionais e culturais, falta de recursos didáticos que correspondem ao nível de escrita e leitura dos alunos, distorção de série. Bem como o convívio familiar, pois a maioria dos alunos com dificuldades de aprendizagem são filhos de pais separados e pais não alfabetizados.

De acordo, com Soares (2016) as dificuldades de aprendizagem não devem ser vistas apenas como um transtorno psicológico do aluno, ou como qualquer outra deficiência que o aluno venha a ter. Mas, deve levar e consideração os métodos de ensino, problemas sociais, econômicos, o meio familiar, dentre outros. Deste modo, é importante que o professor conheça a realidade de seus alunos, para que assim possa usar métodos adaptáveis aos conhecimentos dos alunos. Na expressão de Lopes (2005, p. 62) “quando o professor consegue acolher esse estudante e respeitá-lo em suas diferenças, sem cair na armadilha de pena, proporciona a ele um grande benefício [...] oferece também a toda a classe uma rica experiência de convivência com a diversidade”.

Nesse sentido, diante dos posicionamentos dos professores frente às dificuldades dos alunos, percebe-se que alguns alunos não estão conseguindo adquirir pré-requisitos que estão ligados nas capacidades e habilidades desenvolvida no processo de ensino aprendizagem, sendo que essas ações incluem as áreas de: motricidade, habilidades perceptivo motoras, desenvolvimento da linguagem que está relacionada com a articulação, habilidades conceituais e por fim, habilidades sociais que estão ligada a questão social, maturidade, criatividade dentre outras, como afirma as autoras Smith e Strick (2001), bem como Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007). Isso pode acarretar na dificuldade de ler, interpretar e escrever textos, visto que essa problemática se processa pelo fato dos alunos não terem adquiridas as competências e habilidades necessárias para sua formação.

Considerando que a previsão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2017) para os alunos estarem alfabetizados é o segundo ano, o não aprendizado no tempo previsto pode fazer com o aluno alcance séries mais avançadas sem o domínio da leitura e escrita. De acordo com as respostas dos docentes, isso tem sido com uma realidade vivenciada no município.

Acreditando no papel do professor na formação dos educandos e no desafio vivenciado em alfabetizar os alunos, será feito no próximo item uma reflexão do papel do docente frente as avaliações necessários para diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos e assim estabelecer estratégias de ensino e aprendizagem.

Portanto, o professor é uma parte importante nesse processo de ensino aprendizagem, bem como as estratégias utilizadas para trabalhar com aqueles alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, bem como avaliação dos mesmos.

1.3 O papel do professor no processo de avaliação

O professor é um mediador na interação dos alunos com os objetos de conhecimento, assim tem um papel importante no processo de ensino aprendizagem, bem como tem um papel importante no que se refere a avaliação. Nesses termos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem uma orientação para avaliação nos anos iniciais que ultrapassa a visão da avaliação tradicional, “[...] para ser entendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional” (BRASIL, 1997, p.55).

A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos da escolaridade, em função da intervenção

pedagógica realizada. Portanto, a avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. BRASIL (1997, p.55).

Nesta perspectiva, o professor deve criar estratégias para que haja da melhor forma o processo de ensino aprendizagem dos alunos e para aqueles alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, deve-se fazer mudanças para que fato ocorra a aprendizagem. Pois, de acordo com Smith e Strick (2001, p. 15) as dificuldades de aprendizagem podem ser drasticamente melhoradas, fazendo-se mudanças em casa e o programa educacional proposto à criança, já que os professores são os primeiros a realizar esse diagnóstico. Pois, de acordo com Klein e Tarrabaika (2013) os motivos de uma criança apresentar dificuldades em aprender são diversos, portanto, observá-la em sala de aula é uma tarefa que o educador precisa dominar a fim de verificar quais alunos estão realmente com dificuldades e qual área está sendo afetada no seu desenvolvimento. Assim segundo Luckesi (2011), o docente terá de planejar executar e avaliar tendo em vista construir os resultados que se espera obter, que é, no caso o desenvolvimento do educando.

Luckesi (2011), ressalta que o planejamento e avaliação são atos que estão a serviço da construção de resultados satisfatórios. Na qual o planejamento traça previamente os caminhos e a avaliação subsidia o redirecionamento que venha a ser necessário durante a ação, assim a avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados subsidiando sempre sua melhora. Diante disso, o professor é importante nesse processo.

Nesse viés, ainda de acordo com os PCN (1997), a avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. Para o aluno, a avaliação é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. Deste modo, os professores são os principais sujeitos que no decorrer de sua prática educativa percebem em qual nível de aprendizagem ou quais dificuldades que seus alunos apresentam, podendo auxiliar as crianças na superação das suas dificuldades, bem como no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. (SANTOS, 2015).

Concordando com Santos (2015), Padilha (2012) afirma que acreditar nas possibilidades do aprendiz, valorizar o que ele é capaz, entusiasmá-lo para realizar tentativas,

entendendo seu desempenho como o melhor que pode obter naquele momento, porém, com possibilidades de ser melhorado pela mediação. Por isso, o professor é uma peça fundamental nesse processo, pois a forma como encara a dificuldade de seu aluno pode ser facilitadora ou dificultadora do seu processo de aprender (PADILHA, 2012).

Diante disso, é de suma importância que o professor trabalhe com a autoestima da criança com dificuldade em sala de aula e principalmente valorizando os pequenos esforços em relação ao seu desempenho escolar. Nesse sentido, também é muito importante a postura do educador na sala de aula, pois cabe ao professor fazer uma prática avaliativa do seu trabalho, para que assim através dessa autoavaliação busque estratégias que possam melhorar a aprendizagem dos alunos. Pois de acordo com Zabala (1988), essa prática deve ser entendida como reflexiva. Mas, devemos ressaltar, que identificar as dificuldades de aprendizagem não é tarefa fácil, pois de acordo com Smith e Strick (2001) a identificação de dificuldades de aprendizagem envolve horas de observação, de entrevistas e de avaliação individualizada; ela consome tempo, é intensiva e, portanto, é um processo oneroso, ou seja, deve ocorrer em todo o processo de ensino aprendizagem.

Segundo os PCN (1997), tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões requer que está ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como é o habitual. Isso possibilita ajustes constantes, num mecanismo de regulação do processo de ensino e aprendizagem, que contribui efetivamente para que a tarefa educativa tenha sucesso. Além disso, o acompanhamento e a reorganização do processo de ensino e aprendizagem na escola inclui, necessariamente, uma avaliação inicial, para o planejamento do professor, e uma avaliação ao final de uma etapa de trabalho PCN (1997, p.55).

Deste modo, ainda de acordo com os PCN (1997), avaliação investigativa inicial dará subsídio ao professor para que possa pôr em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos. Na qual esse momento vai informar sobre o que o aluno já sabe sobre determinado conteúdo para, a partir disso, o professor possa estruturar sua programação, definindo os conteúdos e o nível de profundidade em que devem ser abordados. Nesta perspectiva, a avaliação inicial serve para o professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos, assim como para o aluno tomar consciência do que já sabe e do que pode ainda aprender sobre um determinado conjunto de conteúdos.

Vale ressaltar, ainda de acordo com os PCN (1997, p.55), que é importante que ocorra uma avaliação no início do ano, pois o aluno estar iniciando uma série não é informação suficiente para que o professor saiba sobre suas necessidades de aprendizagem. Por mais que o

professor tenha acompanhado a classe de um ano para o outro, e tenha registros detalhados sobre o desempenho dos alunos no ano anterior, isso não exclui a possibilidade dessa investigação inicial, pois os alunos não deixam de aprender durante as férias e muita coisa pode ser alterada no intervalo dos períodos letivos. Sendo que essas avaliações não devem ser aplicadas exclusivamente apenas nos inícios de ano ou de semestre, esta avaliação deve ser realizada sempre que o professor propuser novos conteúdos ou novas sequências de situações didáticas PCN (1997, p.55).

Deste modo, o professor sendo um agente de reflexão, observação e intervenção, terá condições de perceber como está o desenvolvimento dos seus alunos e como poderá ajudá-los, caso algumas dessas dificuldades se faça presente (FEITOSA e NUNES,2012). É importante ter clareza que a avaliação inicial não implica a organização de um período longo de diagnóstico, mais sim de uma parte importante para o início do processo de ensino aprendizagem.

Nessa perspectiva, quando falarmos sobre dificuldade de aprendizagem é necessário entendermos o termo avaliação, bem como conhecer alguns conceitos, assim como a importância da avaliação diagnóstica para compreendermos como fazer uma avaliação de modo que os alunos que apresentam alguma dificuldade não sejam prejudicados diante de uma avaliação. Assim de acordo com Luckesi (2011), avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido— se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade: a de fazer aprender. Ainda de acordo com o autor, é preciso que a perspectiva de cada momento da avaliação seja definida claramente, para que se possa alcançar o máximo de objetividade possível. Assim, é necessário que o professor utilize alguns instrumentos de coleta de dados para assim realizar o processo de avaliação no processo de ensino aprendido, bem como professor deve se aperfeiçoar a cada dia mais na sua função como avaliador.

CAPÍTULO 2 – O PAPEL DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A avaliação sempre esta presente em nossa vida, seja na tomada de decisão ou no ambito escolar. Nesse sentido, a seguir serão apresentados, o papel da avaliação na qual não deve ser vista apenas como a função é apenas aprovar ou reprovar o aluno, mas sim entendida como um leque de informações que deve ser usada no processo de ensino aprendizagem do aluno e na prática pedagógica do professor.

Assim para realizar a pratica da avaliação, devemos entender bem os tipos de avaliação no ambiente escolar, bem como a importância da utilização diversificada de instrumentos avaliativos que possam oportunizar melhores resultados diante das dificuldades apresentadas pelos alunos. Portanto, será dado enfoque a avaliação diagnóstica tendo em vista sua relevância no processo de identificação da dificuldade apresentadas pelos educandos, pois quanto mais dados forem coletados pelos professores, melhor ele planejará o seu trabalho de maneira que possa orientar seus alunos no processo de ensino aprendizagem. Assim a avaliação contribui para melhoria da qualidade do ensino, tanto do aluno quanto da prática do professor.

2.1 O papel da avaliação escolar

Derivada da palavra grega *diagnostikos*, diagnosticar é “a arte de conhecer doenças pelos sinais ou sintomas”, pois, através dessa avaliação que o professor identifica as dificuldades e aprendizagem dos seus alunos como afirma Ciasca (2003,p.68). De acordo Cardoso e Gomes (2016), a partir dos resultados da avaliação escolar, decisões educacionais e sociais são tomadas e muitas irão influenciar sobre vidas humanas e seus destinos. As autoras ainda afirmam, que a avaliação quando usada como elemento de verificação apenas para lançar notas, classificar alunos, e assim por diante, deixa de fornecer informações úteis para melhoraria da qualidade do processo de aprendizagem, além de não contribuir para que se possa identificar a qualidade de desempenho ao aluno e corrigir suas dificuldades.

Sobrinho (2002, p. 167) expressa sua forma de entender avaliação, comentando que “a palavra contém no seu radical o valor, portanto, tem que haver uma emissão de juízo de valor.” Acrescenta ainda, que a avaliação, além de tomar decisões, deve também conduzir a transformações. Se ela não transformar, qualitativamente, e se não oferecer elementos de reflexão para ações de transformação e melhoria, não cumpre o seu papel do ponto de vista educacional.

Podemos compreender de acordo com o autor acima, que avaliação é ampla e não se restringe a um único objetivo, é uma ação que requer responsabilidade, conhecimento, experiência e exige uma tomada de decisão que deve levar em consideração todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Mas, o que encontramos na sala de aula é uma avaliação voltada para um objeto já configurado e concluído como afirma Luckesi (2011).

De acordo com Santos e Varela (2007), o sistema educacional, muitas vezes, tem se apoiado na avaliação classificatória com a pretensão de verificar aprendizagem ou competências através de medidas, de quantificações. Onde esse tipo de avaliação pressupõe que as pessoas aprendam do mesmo modo, nos mesmos momentos e tenta evidenciar competências isoladas. Ou seja, algumas pessoas que por diversas razões têm maiores condições de aprender, aprendem mais e melhor. Outras, com outras características, que não respondem tão bem ao conjunto de disciplinas, aprendem cada vez menos e são muitas vezes excluídos do processo de escolarização. Assim, entende-se que a avaliação não deve ser vista apenas como um sistema cujo a função é apenas aprovar ou reprovar o aluno, mas deve ser vista como um leque de informações que deve ser usada no processo de ensino aprendizagem do aluno e na prática pedagógica do professor. Gonçalves e Larchert (2012) consideram que o ato de avaliar envolve o juízo de valor de quem está avaliando; no caso da escola, o juízo de valor que o professor faz da aprendizagem do seu aluno.

De acordo os PCN (1997), avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas consequências.

Para Gonçalves e Larchert (2012, p. 47) no caso da avaliação da aprendizagem, este juízo de valor deve, obrigatoriamente, ser elaborado com um completo conhecimento da aprendizagem do aluno, do seu modo de aprender. Este conjunto de elementos que compõe o julgamento no ato de avaliar é carregado de compromisso com a pessoa que se está avaliando; por isso, avaliar requer um conhecimento amplo do aluno.

Para Kramer (2006), avaliação significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo. É um instrumento indispensável no sistema escolar, podendo descrever os conhecimentos, atitudes ou aptidões que os alunos apropriaram durante o processo de ensino aprendizagem. Assim, a avaliação da aprendizagem é uma atividade que integra a prática educativa, tornando um valioso instrumento de coleta de informações.

Luckesi (2011), ressalta que a prática escolar frequentemente designada avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Ela se empoderará muito mais de provas/exames

do que de avaliação. A prática de aplicação de provas e exames, com atribuição de notas ou conceitos, advém da escola moderna século XVI e XVII com a solidificação da sociedade burguesa. A prática conhecida hoje é herdeira da citada época, que se compõe pela eliminação e marginalização de grande parte dos indivíduos da sociedade.

Conforme o autor acima citado, em pleno o século XXI, ainda se usa o nome de avaliação, mas a prática de justaposição dos instrumentos de avaliação tem se abreviado à aplicação de provas e exames, uma vez que estas são mais fáceis e costumeiras de serem realizadas. Luckesi (2011) afirma que há uma diferença entre examinar e avaliar, onde ele ressalta que para o ato de examinar, vale somente o que o estudante conseguiu assimilar e expressar até o momento presente, como o desempenho resultante de sua dedicação aos estudos no tempo anterior aquele em que se submete as provas. Assim, o aluno será premiado (aprovado) ou castigado (reprovado) em função do que conseguiu aprender até o momento da prova, sobre a forma de nota ou conceito. Já o ato de avaliar é entendido por Luckesi (2011), como centrado presente e voltado para o futuro, ou seja, investiga o desempenho presente do educando, tendo em vista o seu futuro que expressa na sua aprendizagem.

Sob a ótica de Sant'Anna (2001 p. 31-32), a avaliação é “um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático”. Entende-se que a avaliação não consiste em só avaliar o aluno, mais avaliar um todo, pois de acordo com a autora, esse processo é realizado por todo o corpo docente e se afirmando no conhecimento adquirido pelo educando.

De acordo com Luckesi (2011), a avaliação da aprendizagem é um ato de investigar a qualidade de seu objeto de estudo e, se necessário, intervir no processo da aprendizagem, tendo como suporte o ensino, na perspectiva de construir os resultados desejados. Desta maneira, o ato de avaliar deve ser entendido na modalidade de que o aluno está sempre em construção de novos conhecimentos. Ainda de acordo com Luckesi (2011), na prática escolar o seu principal objetivo é que os educandos aprendam e, por aprender, se desenvolvam. Assim a avaliação da aprendizagem está a serviço desse objetivo que se configura como um ato de investigar a qualidade da aprendizagem dos educandos, assim faz-se o diagnóstico dos impasses e conseqüentemente, se necessário, propõem soluções que viabilizem os resultados desejados. Portanto, Luckesi (2011) acredita que o ato de investigar a qualidade da aprendizagem, esta ligada ao processo de diagnóstico, ou seja, é através dessa investigação que o professor, identifica a aprendizagem, bem como as dificuldades dos alunos.

Para Libâneo (1994), a avaliação é vista como uma tarefa didática permanente do trabalho docente para acompanhar o ensino e aprendizagem, pois é através dos resultados da avaliação que os docentes observam o nível de aprendizagem dos seus alunos. A avaliação também é entendida como reflexão do trabalho docente, assim os resultados obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994).

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar. (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Nesse sentido, avaliação é considerada um instrumento permanente do trabalho docente, tendo como objetivo observar se os alunos aprenderam ou não. Nas palavras de Demo (1999):

Refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc. Daí os critérios de avaliação, que condicionam seus resultados estejam sempre subordinados a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer prática, seja ela educativa, social, política ou outra. (DEMO, 1999, p.01).

Neste viés, a avaliação da aprendizagem do aluno está diretamente ligada à avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar como pontua Haydt (2006). É através dessa avaliação que os docentes podem reorganizar os métodos de ensino, gerando mudanças significativas tanto do aluno quanto nas estratégias utilizadas pelo mesmo. Nesse sentido, podemos compreender que a avaliação da aprendizagem não se constitui em matéria pronta e acabada, mais sim busca subsídios que orientam o caminho a ser desenvolvido pelo professor durante o processo de avaliação dos educandos.

Luckesi (2011), ressalta que a avaliação, em si, é dinâmica e construtiva, e seu objetivo, no caso da prática educativa, é dar suporte ao educador, para que aja da forma mais adequada possível, tendo em vista a efetiva aprendizagem por parte dos educandos. Pois, ainda de acordo com autor, o ato de avaliar a aprendizagem em primeiro lugar, envolve uma investigação sobre a qualidade dos resultados de uma ação em andamento, apresentando resultados satisfatórios ou não, para que assim, se necessário, propor soluções. Logo que, o ato de avaliar a aprendizagem é o meio do qual perguntamos ao nosso educando se aprendeu o que

ensinamos, pois se aprendeu ótimo, se não, vamos ensinar de novo, até que aprenda, pois o importante é aprender.

Nessa perspectiva, quando praticamos qualquer tipo de avaliação, não se deveria buscar a classificação de alguma coisa, mais sim o seu diagnóstico que pode apontar a necessidade de novos cuidados com uma ação em andamento com afirma Luckesi (2011). Neste viés, é importante que o educador tenha clareza quanto ao uso da avaliação, pois a avaliação da aprendizagem só terá bons resultados se o educador tiver clareza de seus métodos avaliativos.

Portanto de acordo com Luckesi (2011), a avaliação da aprendizagem não é ato isolado e separado do ato pedagógico, mas, sim, um componente deste. Para que a compreendamos e a pratiquemos de modo relativamente satisfatório, precisamos compreender os recursos do ato pedagógico e apropriar-nos deles, inserindo entre eles as compreensões e as práticas da avaliação. Assim, a avaliação deve sempre está ligada ao ato pedagógico, já que a mesma é importante no processo de aprendizagem.

Diante dos diversas maneiras que se podem avaliar um aluno, vamos apresentar a seguir, os tipos de avaliação assim como a definição de cada uma para melhor compreensão.

2.2 Os tipos de avaliação escolar

A necessidade de avaliar sempre se fará presente, não importando a norma ou padrão pela qual baseie-se o modelo educacional. Não há como fugir da necessidade de avaliação de conhecimentos, muito embora se possa, com efeito, torná-la eficaz naquilo a que se propõe: a melhora de todo o processo educativo como afirma Santos e Varela (2007). É preciso ressaltar a importância da utilização diversificada de instrumentos avaliativos que possam oportunizar com clareza o que precisa ser aperfeiçoado, para que assim o docente organize seu trabalho.

Nesse sentido, de acordo os PCN (1997, p.57), considerando essas preocupações, o professor pode realizar a avaliação por meio de:

- observação sistemática: acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, utilizando alguns instrumentos, como registro em tabelas, listas de controle, diário de classe e outros;
- análise das produções dos alunos: considerar a variedade de produções realizadas pelos alunos, para que se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas. Por exemplo: se a avaliação se dá sobre a competência dos alunos na produção de textos, deve-se considerar a totalidade dessa produção, que envolve desde os primeiros registros escritos, no caderno de lição, até os registros das atividades de outras áreas e das atividades realizadas especificamente para esse aprendizado, além do texto produzido pelo aluno para os fins específicos desta avaliação;

- atividades específicas para a avaliação: nestas, os alunos devem ter objetividade ao expor sobre um tema, ao responder um questionário. Para isso é importante, em primeiro lugar, garantir que sejam semelhantes às situações de aprendizagem comumente estruturadas em sala de aula, isto é, que não se diferenciem, em sua estrutura, das atividades que já foram realizadas; em segundo lugar, deixar claro para os alunos o que se pretende avaliar, pois, inevitavelmente, os alunos estarão mais atentos a esses aspectos (PCN 1997, p.57).

Nesta perspectiva, ao avaliar o rendimento escolar do aluno, o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, pois, quanto maior for a utilização de instrumento avaliativos, maior será a amostragem de conhecimentos que alunos apresentam. Assim, de acordo com Luckesi (2011), investigar para conhecer e conhecer para agir são dois algoritmos básicos para a produção de resultados satisfatórios.

O processo de ensino e aprendizagem requer dedicação, muita atenção e acima de tudo compreensão por parte do professor, para que possa reconhecer os conhecimentos prévios que cada aluno apresenta, bem como sua bagagem intelectual. E a partir disso, utilizar estratégias diferenciadas tendo em vista que os alunos não possuem o mesmo ritmo de aprendizagem.

Portanto, a atividade de avaliação exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados. Desde modo, devemos compreender os tipos de avaliação que fazem parte do sistema educacional, e que são definidas em somativa e/ou classificatória, avaliação formativa e avaliação diagnóstica. (PCN, 1997).

Segundo o caderno de orientações pedagógicas de Avaliação de Aprendizagem do Maranhão (2017) e Haydt (2006), a avaliação de resultado ou somativa tem a função classificatória, pois consiste em classificar os resultados obtidos pelos alunos ao final de um semestre, ano ou curso, tendo por base os níveis de aproveitamento preestabelecidos. Kraemer (2006), também concorda com esses autores, pois a mesma afirma que a avaliação somativa detecta o nível de rendimento realizando um balanço geral, no final de um período de aprendizagem, podendo classificar de acordo com o nível de aprendizagem, ou seja, esta avaliação tem como propósito verificar se os objetivos elencados no planejamento foram alcançados no final de um período.

Haydt (2006) e Santos e Varela (2007) definem avaliação formativa como o processo que identifica os avanços no desenvolvimento e construção da aprendizagem, bem como determina a retomada ou continuidade do ensino. Ainda ressaltam, que o professor também estabelece quais são os conhecimentos que seus alunos devem adquirir, bem como as habilidades e atitudes a serem desenvolvidas, ou seja, ele determina objetivos para o processo ensino-aprendizagem. Esses conhecimentos, habilidades e atitudes devem ser constantemente

avaliados durante a realização das atividades, fornecendo informação tanto para o professor como para o aluno sobre o que já foi assimilado e o que ainda precisa ser dominado.

Avaliação formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios) (SANT'ANNA, 2001, p.34).

Entende-se que o propósito da avaliação formativo é verificar se o aluno está conseguindo dominar gradativamente os objetivos previstos, expressos sob a forma de conhecimentos, habilidades e atitudes, ou seja, como os alunos estão se comportando em relação aos objetivos propostos e se estão conseguindo acompanhar o que o professor está propondo em sala de aula. Como afirma Gil (2006, p.247) ao definir avaliação formativa, “avaliação formativa tem a finalidade de proporcionar informações acerca do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, para que o professor possa ajustá-lo às características dos estudantes a que se dirige. Suas funções são as de orientar, apoiar, reforçar e corrigir. GIL (2006, p.247)”.

Acreditamos que a avaliação formativa destaca-se por ser um processo contínuo, onde o ponto de partida é o critério de transformar a avaliação em um instrumento que evolui e pode ser melhorado com o tempo.

A terceira definição de avaliação é diagnóstica que na perspectiva de Luckesi (2011), o autor define diagnosticar, como aquilo que retrata alguma coisa através dos dados empíricos que constituem, isto é, a avaliação constata a qualidade da realidade, tendo por base os seus dados, o que de forma alguma implica em sua classificação. O mesmo ainda ressalta que o ato de avaliar, por ser diagnóstica é construtivo, mediador, dialético, dialógica, visto que, levando em consideração as complexas relações presentes na realidade avaliada, a avaliação diagnóstica tem por objetivo subsidiar a obtenção de resultados mais satisfatório possível.

Portanto, a partir do exposto pelos autores, entende-se que avaliação faz parte do trabalho docente e cabe a ele escolher a melhor maneira de fazer a avaliação em sala de aula. Nesse sentido, este trabalho dará ênfase na avaliação diagnóstica que é de suma relevância para uma avaliação inicial, já que a mesma traz subsidio para que os professores possam diagnosticar e desenvolver estratégias para envolver os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Diante disso, é importante compreender o conceito de avaliação diagnóstica.

2.3 A avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem

Santos e Varela (2007) ressaltam que a avaliação diagnóstica é constituída por uma sondagem, projeção e retrospectão da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar dificuldades encontradas.

De acordo com o caderno de orientações pedagógicas de Avaliação de Aprendizagem do Maranhão (2017) e Haydt (2006) é através da avaliação diagnóstica que os professores conhecem o grau de aprendizagem dos alunos, a mesma pode ser realizada no início do período letivo, ou antes de começar uma unidade de ensino, assim o professor verifica o conhecimento prévio de seus alunos sobre os conteúdos a serem estudados.

Neste viés, Santos e Varela (2007), ressaltam que a avaliação diagnóstica compreende em verificar se existem alunos que possuem conhecimentos e habilidades previstas a fim de orientá-los a outras oportunidades, novas aprendizagens. A avaliação diagnóstica é realizada no início do processo ensino-aprendizagem, com a finalidade de detectar eventuais dificuldades de aprendizagem auxiliando o professor no planejamento de suas ações. O caderno de orientações pedagógicas de Avaliação de Aprendizagem do Maranhão (2017), resalta que a avaliação inicial fornece informações aos professores sobre o desempenho dos estudantes, que com base nesse diagnóstico, terão subsídios suficientes para intervir e tomar decisões no que se refere ao planejamento pedagógico.

Gil (2006, p.247) revela que a avaliação diagnóstica se “constitui-se num levantamento das capacidades dos estudantes em relação aos conteúdos a serem abordados, com essa avaliação, busca-se identificar as aptidões iniciais, necessidades e interesses dos estudantes com vistas a determinar os conteúdos e as estratégias de ensino mais adequadas”.

Assim, seguindo essa linha de pensamento, Masetto (1997) afirma que conhecer o aluno, seus gostos, seus hábitos e suas preferências, é o princípio base da avaliação diagnóstica. Dessa forma, assegura-se que o aluno esteja na turma correta e que o curso se encontre no nível adequado a ele. Nesta avaliação busca-se conhecer ideias e conhecimentos prévios do aluno. Mais uma vez ressaltando a importância de um diagnóstico avaliativo.

Ainda de acordo com o caderno de orientações pedagógicas de Avaliação de Aprendizagem do Maranhão (2017), a avaliação diagnóstica permite que as intervenções pedagógicas sejam promovidas no tempo em que as dificuldades ocorrem e por isso podem evitar resultados indesejados. Portanto, podemos compreender que uma avaliação diagnóstica faz muita diferença no processo de ensino e aprendizagem, pois esse diagnóstico é um leque de

informações para o professor, pois através do mesmo é que ele vai observar e planejar suas aulas de maneira que envolvam todos os alunos, principalmente aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem. Pois, segundo Zabala (1998) o planejamento e avaliação são inseparáveis.

Segundo Luckesi (2011), avaliar um aluno com dificuldade é criar a base do modo de como inclui-lo dentro do círculo de aprendizagem, o diagnóstico permite a decisão de direcionar ou redirecionar aquilo ou aquele está precisando de ajuda. Ainda nas palavras do autor, a avaliação diagnóstica, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão, a inclusão e não a seleção, que obrigatoriamente conduz a exclusão. O diagnóstico, tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construído LUCKESI (2011, p.206).

Santos e Varela (2007) ressaltam que toda a avaliação deveria ter uma dimensão diagnóstica, no sentido de que conduz, ou deveria conduzir, a um melhor ajuste do processo ensino-aprendizagem. Pois com avaliação diagnóstica o professor identifica não só os conhecimentos adquiridos pelos alunos, mais como as suas dificuldades. Já que um dos propósitos da avaliação diagnóstica consiste em informar o professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo de ensino – aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo. Santos e Varela (2007) ainda afirmam que aprender é um processo ativo pelo qual o aluno constrói, modifica, enriquece e diversifica seus esquemas de conhecimento a respeito dos diferentes conteúdos escolares a partir do significado e do sentido que pode atribuir a esses conteúdos e ao próprio fato de aprendê-lo. Deste modo, o resultado da avaliação diagnóstica é provisórios, assim entende-se que o aluno não compreendeu hoje não significa dizer que não irá aprender no dia seguinte. Nessa perspectiva, a avaliação diagnóstica é o primeiro passo para coleta de dados relevantes e que configuram o estado de aprendizagem do educando.

Luckesi (2011) ressalta que toda avaliação pelo próprio fato de ser avaliação, deve ser diagnóstica. O autor ainda descreve que a avaliação diagnóstico é o “retrato”, ou seja, apresenta o que o educando já aprendeu, bem como o que o aluno necessita aprender ainda. Ainda na perspectiva de Luckesi (2011), quando se pratica algum tipo de avaliação, não se busca a classificação de alguma coisa, mais sim o seu diagnóstico que aponta para a necessidade de novos cuidado com uma ação em andamento. Ainda de acordo com o autor, a essência do ato de avaliar é subsidiar soluções tendo base o diagnóstico. Nesse sentido, o diagnóstico é o ponto de partida para mostrar as necessidades apresentadas pelos alunos, bem como, auxilia o professor aperfeiçoar sua metodologia de ensino.

Desta forma, ao analisarmos os instrumentos de avaliação, percebermos que os mesmos devem ser escolhidos de acordo com os objetivos que se pretende atingir. Vale ressaltar, que independente do instrumento usado, é importante que o aluno tenha conhecimento sobre o que se espera da avaliação e o professor tenha disponibilidade para fazer da avaliação mais um momento de aprendizagem e de respeito aos saberes do educando.

Luckesi (2011), ressalta que a avaliação da aprendizagem escolar, por si, é um ato pedagógico específico, com o objetivo de verificação a qualidade da aprendizagem do estudado, subsidiando o seu processo de construção, bem como inclui os alunos no processo de ensino e aprendizagem, pois ela oferece condições de encontrar o caminho para obter os melhores resultados. Ainda na perspectiva Luckesi (2011, p.205) a avaliação deveria ser entendida como um ato amoroso, no sentido, de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo, pois a avaliação tem por base acolher uma situação, para então (e só então) ajuizar a sua qualidade tendo em vista dar-lhe suporte as mudanças se necessárias, já que o objetivo da avaliação diagnóstica é incluir o educando no processo de ensino aprendizagem).

Nesse contexto, os PCN (1997), ressaltam que a avaliação, apesar de ser responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Delegá-la aos alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para que construam instrumentos de auto regulação para as diferentes aprendizagens. A autoavaliação é uma situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e dos diferentes procedimentos para se avaliar. Além desse aprendizado ser, em si, importante, porque é central para a construção da autonomia dos alunos, cumpre o papel de contribuir com a objetividade desejada na avaliação, uma vez que está só poderá ser construída com a coordenação dos diferentes pontos de vista tanto do aluno quanto do professor. Deste modo, os alunos devem compreender o papel da avaliação escolar, numa perspectiva de aprendizagem e não de instrumento reprovativo. Assim o professor deve deixar claro o papel da avaliação.

No que se refere a BNCC (2017), a mesma ressalta que ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Sendo que está competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2017,p. 9).

Ainda de acordo com a BNCC (2017), cada área de conhecimento estabelece competências específicas de área, cujo desenvolvimento deve ser promovido ao longo dos nove anos, onde para garantir o desenvolvimento das competências específicas, cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades. Essas habilidades estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento entendidos como conteúdos, conceitos e processos, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas. Na qual essas unidades temáticas definem um arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino Fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento, assim como cada objeto de conhecimento se relaciona a um número variável de habilidades (BNCC, 2017, p.26). Deste modo, essas abordagens permitem acompanhar o desenvolvimento das competências, bem como identificar as dificuldades de aprendizagem, e planejar práticas específicas para que assim os alunos possam ter avanços no processo de ensino aprendizagem.

Assim, de acordo com as respostas dos professores do 3º ano no Município de Timbiras, foi possível perceber que 10% dos docentes iniciam o ano letivo fazendo diagnóstico para reconhecer quais os alunos que sabem ler e escrever e quantos apresentam dificuldades. Outros 10% organizam tarefas iguais para todos, 30% elas realizam atividades diferenciadas de acordo com o nível do aluno, adaptando a metodologia de ensino para ajudar o aluno dentro de sua realidade. Bem como, avaliam através de atividades realizada a partir de ditados, textos, bem como participação durante as atividades em sala de aula e participação em projetos. Para melhor compreensão, esses resultados serão apresentados no gráfico 2.

Portanto, a partir do exposto pelos autores, podemos entender que avaliação, nas suas diferentes maneiras avaliativas, está ligada ao desenvolvimento dos alunos, ao conhecimento adquirido em sala de aula, aos incentivos para melhoria do aprendizado, a autoavaliação do professor diante de sua prática educativa, pois quanto mais o professor utiliza de instrumentos avaliativos, mais ele conhece seus alunos, bem como as dificuldades que o mesmo possam ter em determinada disciplina. Nesse sentido, quanto mais dados forem coletados pelo professor, melhor ele planejará o seu trabalho de maneira que possa orientar seus alunos no processo de ensino aprendizagem. Assim a avaliação contribui para melhoria da qualidade o ensino, tanto do aluno quanto na prática do professor.

CAPÍTULO 3 – OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Neste capítulo, buscou-se trazer a história do município de Timbiras-MA. Assim, os dados sobre a história do município foram coletadas do livro “Timbiras: a vida e o progresso simbolizam um ideal”, o mesmo foi fruto de um projeto de Monografia dos Municípios do Maranhão no ano de 1981, em respostas as reivindicações de professores por falta de dados sobre os municípios que seriam aplicadas ensino dos Estudos Sociais (MARANHÃO, 1992). Será abordado também o perfil dos 10 entrevistados, bem como a contextualização das respostas dos mesmos, além das minhas considerações a acerca da problemática desenvolvida neste trabalho.

3.1 Breve contexto educacional do município de Timbiras

Quando buscamos informações básicas sobre a história do município de Timbiras-MA, teve-se bastante dificuldade, pois esses dados ainda são poucos, e quando procuramos dados referentes à educação, a tarefa se tornou ainda mais difícil. Diante dessa questão, recorreu-se a Secretaria de Educação do Município em busca de informações, mas infelizmente não se tem um relatório sobre a educação do município nos últimos anos. O que se localizou são informações referentes a dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim de acordo com o “Timbiras: a vida e o progresso simbolizam um ideal”, o município de Timbiras recebeu vários nomes: Urubu, Porto dos Urubus, Monte Alegre e, finalmente, Timbiras. Na margem do rio Itapecuru, no povoado “Sardinha” a 2 km da atual sede, existia uma árvore seca, desfolhada que constantemente estava repleta de urubus nos galhos. Os navegantes ao observarem este fato, denominaram o lugar de “Urubu”. Passando a ser ponto de referência para os navegadores, em seguida, porto para descanso da viagem, recebendo assim, o nome de “Porto dos Urubus”. Depois de alguns anos chegaram a esta região as primeiras famílias descendentes de portugueses e italianos, chefiados pelo Sr. Têta de Araújo que, pela fertilidade do solo, iniciaram o povoamento (MARANHÃO, 1992).

Com a chegada de alguns padres Capuchinos no ano de 1900, onde fixaram residência, trocaram a denominação do local para “Monte Alegre” dizendo não haver nenhuma significação para o nome “Porto dos Urubus”. Todavia, acreditando-se, que na região fora habitado antes por uma Tribo indígena denominada “Timbiras”, ou que na melhor das hipóteses essa tribo acampara algum tempo no local, surgiu à ideia que o novo nome do município fosse “Timbiras”. O que conseguiram mudando definitivamente de “Monte Alegre” para “Timbiras”, através do

Decreto-lei nº. 820, de 30 de dezembro de 1943, como relatar o livro “Timbiras: a vida e o progresso simbolizam um ideal”.

O Município de Timbiras, localiza-se na microrregião de Codó, mesorregião do Leste Maranhense, entre as coordenadas “4°15’18” LS e 43°56’27” LW. Tem uma área de 1.486 km² e situa-se à margem direita do rio Itapecuru, a 316 quilômetros da capital São Luís. Com base no Censo de 2010, o Município possui uma população de 27.997 habitantes. O clima predominante é o tropical, caracterizado por um período chuvoso de dezembro a maio, com níveis pluviométricos mais acentuados entre janeiro e abril. A temperatura média é de 27 graus Celsius. A vegetação predominante da região é típica do Cerrado, com mata de cocais, com incidência quase absoluta da palmeira de babaçu, além de matas de galeria (MARANHÃO 2011; IBGE 2017).

De acordo com os dados do Conselho Municipal de Educação (CME), criado em 2009, mais somente em 2017 passou a funcionar, a maioria das escolas do município não são credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC). Apesar dos 99 anos de emancipação política de Timbiras, até 2017 as escolas funcionavam com documentação irregular, gerando problemas para emissão de documentos escolares. Desde a data de funcionamento do CME, 07 escolas já estão aptas para fornecer este tipo de documentação não havendo mais problemas na emissão para outras escolas ou municípios. Vale ressaltar, que ainda é um número muito pequeno, pois o município de Timbiras tem o total de 55 escolas, sendo 37 funcionando na zona rural e 18 na zona urbana, sendo que as escolas registradas são apenas as escolas da zona urbana, na qual 2 são dos anos finais e 5 dos anos iniciais.

No que se refere a educação do município, percebemos através dos dados que a educação de Timbiras conseguiu alcançar a meta até o ano de 2011, tendo uma quebra em 2013, já no ano de 2015 e 2017 o município ultrapassou a meta para os referentes anos, como apresenta a tabela 2.

Tabela 2. Dados IDEB Timbiras/MA

IDEB Observado					
2007	2009	2011	2013	2015	2017
3.2	3.2	3.1	3.2	3.8	4.0
Metas projetadas					
2007	2009	2011	2013	2015	2017
2.4	2.7	3.1	3.4	3.7	4.0

Entretanto, ao observarmos, individualmente por escola, os dados apresentados no início desta pesquisa das nove escolas que possuem turmas de 3º ano, percebemos que algumas não alcançaram a meta projetada. Desde modo, a Unidade de Ensino Luís Felix, Centro de Ensino Fundamental Mundoca Alvim, Unidade de Ensino José Maria Alvim não alcançaram a meta projetada para o ano de 2017 como foi apresentada na tabela 1.

Verifica-se também, através da tabela 3, que Timbiras apresenta um total de 18 turmas de 3º ano e uma turma multisseriado referente ao 3º e 4º ano; o total de professores é de 18 docentes, considerando que a professora da Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho trabalha nos dois turnos nas turmas do 3º ano.

Tabela 3. Quantidades de turmas do 3º ano por escolas

ESCOLAS	IDEB OBSERVADO 2017	TURMAS
UE Luís Felix	3,8	2
UE Faustina Araújo	4,5	2
UE Paulino dos Santos	4,0	2
CEF Manoel Burgos	4,3	2
CEF Mundoca Alvim	3,5	2
UE. Maranhão Sobrinho	4,3	2
UE José Maria Alvim	3,4	2
UE José Sarney		4
UE Dica Pereira		Multisseriado
TOTAL		18 turmas

3.2 O perfil docente dos entrevistados

Considerando as nove escolas que possuem turmas do 3º ano, a pesquisa aconteceu com apenas os professores de seis escolas, isso se deu pela não devolução dos questionários pelos professores das outras três escolas. Assim, as escolas participantes da pesquisa foram as seguintes: Unidade de Ensino Paulino dos Santos, Unidade de Ensino José Maria Alvim, Unidade de Ensino Maranhão Sobrinho, Unidade de Ensino José Sarney, Centro de Ensino Fundamental Manoel Burgos e Centro de Ensino Fundamental Mundoca Alvim. Quanto ao procedimento para a realização da coleta de dados, foi realizado primeiramente contato com a Coordenadora do Ensino Fundamental, na qual a mesma solicitou uma documentação confirmando a pesquisa pela Instituição Superior. Deste modo, foi escrita uma carta de

apresentação, na qual foi apresentada primeiramente ao Secretário de Educação do Município, logo após os diretores das escolas e em seguida a conversa com os professores que atuam nas turmas de 3º ano.

Depois do primeiro contato, foram entregues os questionários e estipulado um prazo de uma semana para devolução dos mesmos. Porém, conforme citado anteriormente, ao retornar as nove escolas do município de Timbiras nem todos os docentes haviam respondido, assim apenas dez docentes se dispuseram a contribuir, tornando-se a amostra do presente estudo, cujos resultados serão apresentados e analisados na sequência.

Assim, no primeiro momento, foi necessário verificar o perfil dos docentes entrevistados nas turmas do 3º ano. Nesse sentido, a partir do questionário aplicado foi possível criar uma tabela apresentando a formação de cada docente, bem como o tempo de profissão e a quantidades de alunos por sala, como mostra a tabela 4 abaixo:

Tabela 4. Perfil dos docentes que representam a amostragem da pesquisa

SEXO	NÍVEL DE FORMAÇÃO	TEMPO DE PROFISSÃO	QUANTIDADES DE ALUNOS
F	Graduação em Biologia e pós em Psicopedagogia	15 anos	25
F	Pedagoga	Não informado	25
F	Licenciatura em Pedagogia	10 anos	20
F	Pedagoga e licenciatura em ciências Biológicas	Não informado	23
F	Pedagoga com pós em psicopedagogia	18 anos	29
F	Não informado	Não informado	23
F	Licenciatura em Filosofia e Pedagogia	Não informado	18
F	Licenciatura plena em História	Não informado	21
F	Pedagoga com pós em psicopedagogia	10 anos	25
M	Licenciatura em Pedagogia	10 anos	18

Através das informações contidas na tabela acima, é possível perceber o tempo de trabalho destes docentes, está entre 10 a 18 anos. Quanto à formação profissional, a maioria tem graduação e especialização, sete professores possuem o curso de pedagogia. Dos dez professores entrevistados, apenas um é do sexo masculino, demonstrando uma predominância do sexo feminino no exercício da profissão docente nas séries do ensino fundamental.

De acordo com Araújo e Cunha (2013) a profissão docente está associada à prática assistencialista, a escola passou a trabalhar com um corpo de profissionais formado na sua maioria por mulheres, por acreditar que estas cumpririam perfeitamente seu papel de mães-educadoras. Conseqüentemente, este ofício que antes era marcado pela presença masculina, se converteu em atividade predominantemente feminina, especialmente nos anos iniciais da educação básica, havendo um distanciamento significativo desta área por parte dos homens. É certo que todos estes perfis e esse processo de transformação estão diretamente relacionados com a questão das relações de gênero presentes na sociedade.

Para organização e discussão dos resultados, serão apresentados os dados obtidos através do questionário, sendo selecionadas as questões que continham informações relevantes, compatíveis com o objetivo deste estudo, e em cada uma das questões analisadas são apresentadas as respostas dos professores. A discussão dos resultados ocorre de forma intercalada com as respostas dos professores, sendo relacionada com autores que abordam a temática.

Nesse viés, as perguntas para análise do questionário aplicado com as docentes apresentaram questões acerca das dificuldades de aprendizagem que estão mais presentes na sala de aula, as estratégias utilizadas para fazer o diagnóstico das dificuldades dos alunos, bem como sua avaliação. Também foram analisados os fatores que mais contribuem para que os alunos apresentem dificuldades de aprendizagem, além dos desafios encontrados pelos docentes em trabalhar com esses alunos. Assim, ainda de acordo com as respostas dos docentes foi possível compreender as metodologias utilizadas para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Foi ressaltado ainda pelos docentes as mudanças que devem ocorrer para mudar a qualidade do Ensino Fundamental e assim haver melhoria no processo de ensino e aprendizagem, além da importância da formação no que se refere a temática desenvolvida nesse trabalho. Assim, os docentes foram questionados se o corpo docente da escola desenvolve algum projeto para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e quais seriam esses projetos, ainda foram questionados como o município de Timbiras poderia trabalhar com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Deste modo, a partir das respostas dos 10 docentes, os dados gerais serão apresentados abaixo.

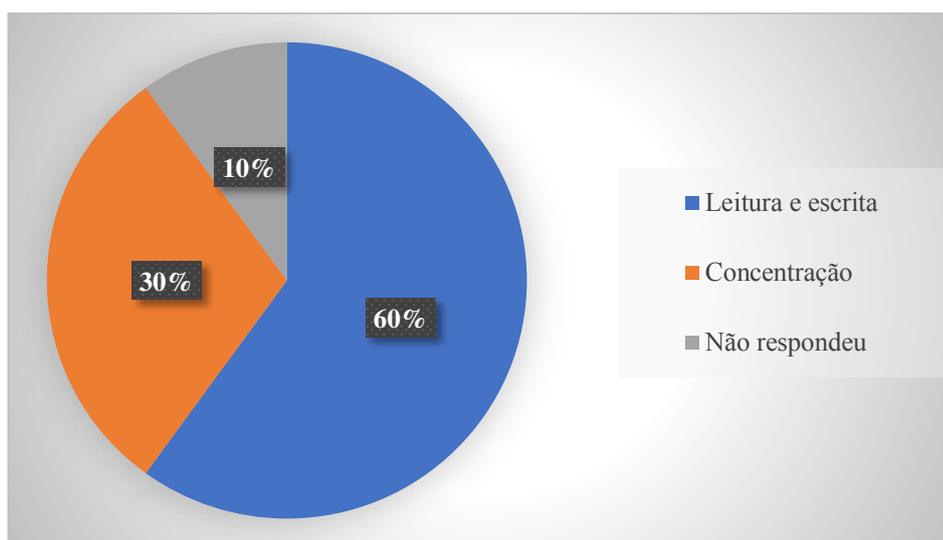
3.3 Desafios e superações vivenciados pelos professores

Diante das respostas dos docentes, aqui serão apresentados os dados dos questionários aplicados com reflexões a partir da leitura de autores e documentos que tratam da temática, bem como as minhas considerações acerca da pesquisa.

As dificuldades mais recorrentes da sala de aula (questão 2)

De acordo com o gráfico 1, observando as respostas dos docentes no que se refere as dificuldades mais recorrentes em sala de aula, 30% ressaltaram que essas dificuldades estão ligadas a falta de concentração, 60% relataram que essas dificuldades estão ligada a leitura e escrita e 10% não responderam.

Gráfico 1. Dificuldades mais presentes na sala de aula



Fonte: própria

Segundo Garcia (1998) as dificuldades de aprendizagem da leitura são definidas como:

Um déficit no desenvolvimento do reconhecimento e compreensão dos textos escritos. Este transtorno não é devido nem a deficiência mental, nem a uma inadequada ou escassa escolarização, nem a um déficit visual ou auditivo, nem a um problema neurológico. Somente se classifica como tal se é produzida uma alteração relevante do rendimento acadêmico ou da vida cotidiana. (GARCIA, 1998, p.58).

Assim, entende-se que a aprendizagem, certamente é algo que merece atenção, pois cada indivíduo tem seu jeito próprio de aprender, entretanto, para que a aprendizagem realmente aconteça é necessário que haja subsídios para o favorecimento da mesma.

Levando em consideração as respostas dos docentes, percebe-se que a meta estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE) em sua meta 5 diz que se deve alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental, não está sendo realizada de fato. No que diz a Base Nacional Curricular (BNCC), essa alfabetização deve ocorrer nos primeiros dois anos do Ensino Fundamental.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BNCC.2017, p.55).

Ainda de acordo com BNCC (2017):

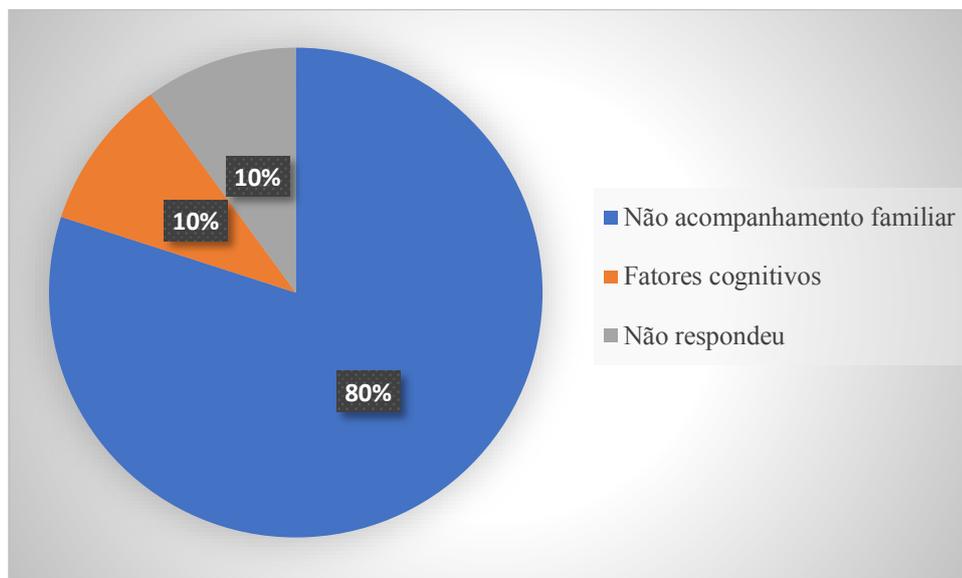
Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BNCC.2017, p.55).

Ambos documentos apresentam a preocupação diante do processo de alfabetização. Foi pontuado também pelos entrevistados que as possíveis causas das dificuldades que os alunos das turmas de terceiro ano estão apresentando, se dá pela falta de interesse, fatores cognitivos, emocionais e culturais, falta de recursos didáticos que correspondem ao nível de escrita e leitura dos alunos, distorção de série, bem como o convívio familiar, pois a maioria dos alunos com dificuldades de aprendizagem são filhos de pais separados e pais não alfabetizados.

Fatores que mais contribuem para que seus alunos apresentem dificuldades de aprendizagem (questão 5)

De acordo com os 10 professores entrevistados, percebe-se que os fatores que mais contribuem para que seus alunos apresentem dificuldades de aprendizagem, está ligado ao não acompanhamento familiar, como mostra o gráfico 2. Onde o mesmo mostra que 80% dos entrevistados acreditam que a falta do acompanhamento das famílias é um dos principais motivos para os alunos ainda estarem apresentando dificuldade na leitura e escrita, 10% acreditam que estes problemas estão ligados aos fatores cognitivos e outros 10% não se posicionaram na questão.

Gráfico 2. Fatores que contribuem para que alunos apresentem dificuldades de aprendizagem



Fonte: própria

No que diz a Constituição Federal (1998) no seu artigo 205, e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), no seu artigo 2, afirma que: “A educação é dever da família e do Estado. A família é convocada, pelo poder público, a participar do processo de formação escolar: no primeiro momento, matriculando, obrigatoriamente, seu filho, em idade escolar, no Ensino Fundamental. No segundo momento, zelando pela frequência à escola e num terceiro momento se articulando com a escola de modo a assegurar meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento e zelando, com os docentes, pela aprendizagem dos alunos.” Assim, tanto o professor e a escola, quanto à família e a sociedade estão envolvidos aspectos no processo de aprendizado de uma criança. Nesse contexto, Santos (2014, p. 22) explana que:

Quando se pensa em educação, primeiramente são enfatizadas propostas educacionais voltadas para uma educação séria, responsável e com propósitos voltados à participação da família, pois sabe-se que por melhor que seja uma escola e por mais preparados que sejam sua equipe pedagógica, haverá falhas. Devido a isso é necessário à participação efetiva e constante da família no processo de aprendizagem da criança.

Nesse sentido, os 10 professores ressaltaram a importância da família na escola, o acompanhamento de profissionais e de formações para melhor trabalharem com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Foi ressaltado também, que o primeiro passo deveria ser não passar de série os alunos que não dominam a leitura e escrita.

Uma professora respondeu que o nosso país somente terá uma educação de qualidade quando os nossos governantes se conscientizarem de que o futuro promissor está intimamente

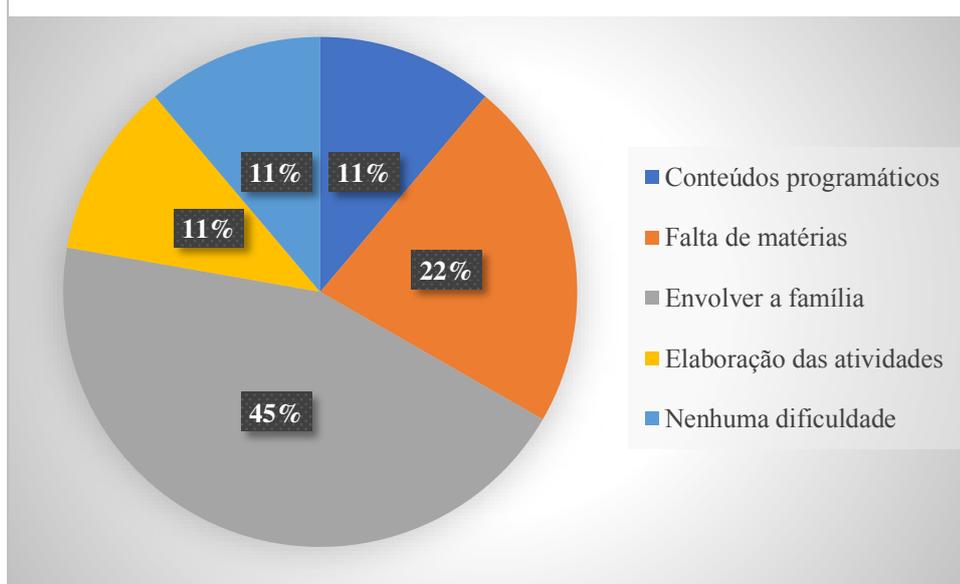
ligado a uma educação digna e de qualidade, além de professores capacitados e bem remunerados, com escolas estruturadas e alunos comprometidos com seus estudos.

Dificuldade/desafio em trabalhar com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem (questão 6)

A família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois envolverá a escola e pôr fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de suma importância, pois a mesma servirá de modelo de relacionamentos para que, mais tarde, ela se relacione com outras pessoas.

Os dados do gráfico 3, nos mostram que existe uma preocupação para envolver a família dos alunos no meio educacional, mas infelizmente nenhum dos entrevistados ressaltou alguma ação desenvolvida para envolver as famílias no ambiente escolar. Nesse sentido, 45% dos entrevistados ressaltaram que o maior desafio em trabalhar com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem é envolver a família, 22% ressaltaram que está relacionado a falta de matérias adequados para trabalharem com as crianças com dificuldades de aprendizagem, 11% trabalharem com os conteúdos programáticos, 11% ressaltaram a elaboração de atividades, 11% não tem nenhuma dificuldade/desafio para trabalharem com alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem.

Gráfico 3. Desafios em trabalhar com os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem



Fonte: própria

De acordo com Oliveira (1993, p. 92) “uma das principais funções da família é a função educacional e, que esta é a responsável por transmitir à criança os valores e padrões culturais do meio social em que está inserido”. Nesse viés, o Estatuto da Criança em sua Lei nº8.069/1990 em seu artigo 53 diz seguinte em seu parágrafo único: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. Mas o que percebermos é oposto a isso, as famílias, em geral, não participam dessas definições proposta pela escola, e os que participam são pouco. Diante da lei, observamos que é dever da família fazer esse acompanhamento na vida educacional do aluno, mais que muitas vezes não acontece.

Pois de acordo com Soares (2010, p. 9):

A família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos(as) alunos(as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola, percebendo está como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.

Deve se ressaltar, que muitas famílias sentem receio quando são chamadas para as reuniões escolares. Quando comparecem, parecem ter medo, não querem conversar sobre a questão de aprendizagem, pois a relação família e escola não é de pares, a família se sente inferior ou muitas vezes incapazes de colaborar com o aprendizado do aluno. Portanto, é relevante pensar uma forma para atrair a família para o ambiente escolar de maneira que as famílias não sejam chamadas apenas para receber reclamações de seus filhos, mais como parte importante no processo de ensino aprendizagem.

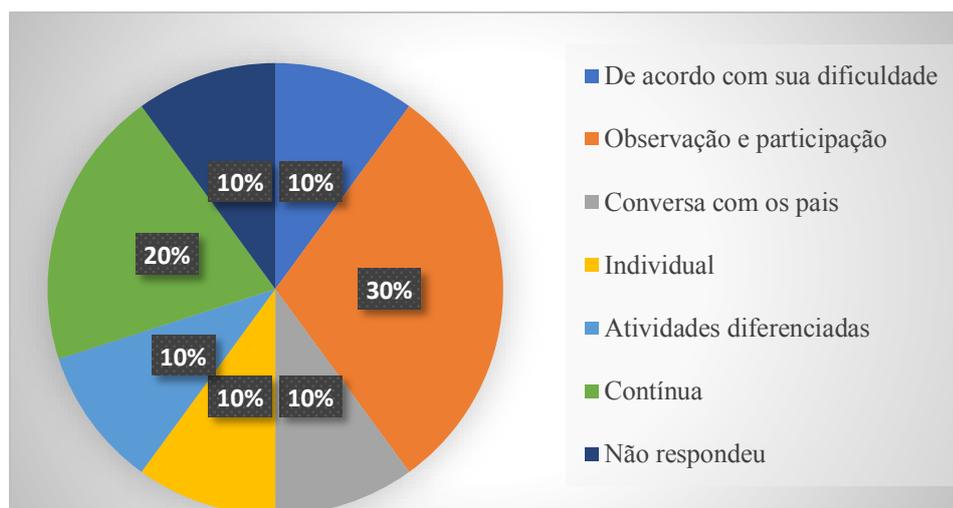
Nesse sentido, para ter o envolvimento da família e necessário que a escola deixe organizar reuniões tradicionais e passe organizar as reuniões de maneira recreativa, desenvolvendo um trabalho de parceria com os pais no intuito de compartilhar as responsabilidades.

Portanto, é de suma importância conhecer a realidade das famílias, pois considerando a importância desta relação, a escola precisa pensar quem são seus alunos, de onde vem e quais são suas condições, dentre outros conhecimentos dessas famílias, e assim desenvolver projetos e atividades para aproximar a família da escola, de modo que os projetos sejam voltados para realidade das famílias, bem como na realidade do município.

Metodologia utilizadas para a avaliação (questão 4)

No gráfico 4, de acordo com as respostas dos docentes, percebe-se que cada professor tem sua metodologia para a avaliação de seus alunos, e que os mesmos procuram sempre avaliar de acordo com as necessidades encontradas na turma.

Gráfico 4. Avaliação



Fonte: própria

Assim, 10% dos docentes ressaltaram que avaliam de acordo com a dificuldade dos alunos, 30% avaliam através de observação e participação, 10% através de conversa com os pais, 10% realizam avaliação individual, 10% avaliam através de atividades diferenciadas, 20% através da avaliação contínua e 10% não responderam.

Desta forma, pode-se perceber que há muitas maneiras de avaliar e cabe a cada professor observar quais práticas são mais adequadas e que mais contribuirá para a aprendizagem de seus alunos. Assim, fica claro que o professor deve sempre se aperfeiçoar a cada dia mais na sua função como avaliador. Deste modo, ao promover tais oportunidades, o professor estará refletindo sobre o valor instrumental e prático da aprendizagem construída pelo aluno em seu contexto do dia a dia, através de um conjunto de procedimentos e reflexões.

Nesse sentido, Luckesi (2011) pontua que a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade dos resultados que estamos construindo. Ele acredita que avaliar um aluno com dificuldade de aprendizagem é criar base de como incluí-lo dentro do círculo da aprendizagem, o diagnóstico permite a decisão de direcionar ou redirecionar aquilo ou aquele que está precisando de ajuda. Ainda de acordo com o autor, para uma ação pedagógica produtiva, assenta-se sobre o conhecimento da realidade

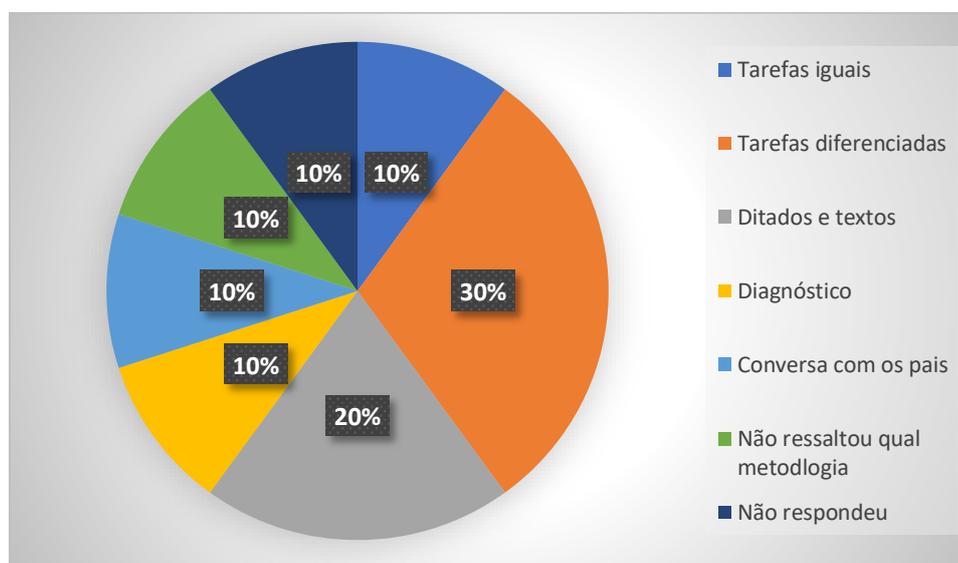
da aprendizagem do educando, conhecimento esse que subsidia decisões, seja ela para considerar que a aprendizagem já está satisfatória, seja para orientar se necessário e assim obter um melhor desempenho dos educandos.

Diante destas respostas, podemos averiguar que há a indicação de caminhos a serem percorridos pelos professores, pois a partir dos resultados da avaliação, o que reforça o posicionamento da maioria dos professores e se resume em um ponto bastante positivo para o processo ensino-aprendizagem, caracterizando a avaliação como diagnóstica.

Estratégias utilizadas para fazer o diagnóstico das dificuldades dos alunos (questão 3)

De acordo o gráfico 5, os professores utilizam estratégias diferenciadas para realização do diagnóstico para identificar as dificuldades dos alunos. Sendo que 30% utilizam tarefas diferenciadas, 20% ditados e textos, 10% tarefas iguais, 10% realizam diagnóstico no início do ano, 10% conversa com os pais, 10% não ressaltaram a metodologia, 10% não responderam.

Gráfico 5. Estratégias utilizadas para fazer diagnóstico



Fonte: própria

Nesses termos, os PCN (1997) ressaltam a relevância da utilização da avaliação diagnóstica para obter informações em relação aos processos de aprendizagem, o mesmo ainda afirma que é necessário considerar a importância de uma diversidade de instrumentos e situações que possibilitem, por um lado, avaliar as diferentes capacidades e conteúdos curriculares em jogo e, por outro lado, contrastar os dados obtidos e observar a transferência das aprendizagens em contextos diferentes.

Corroborando com os PCN, Hoffmann (2005, p.121) ressalta que os melhores instrumentos de avaliação “[...] são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno”. Nesse sentido, percebe-se que os docentes procuram variadas estratégias para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Luckesi (2011) um teste, um questionário (com questões abertas e fechadas), uma redação, um ficha de observação, todos os instrumentos necessitam de cobrir todo o essencial, não somente um que o outro ponto e sim todos os pontos essenciais, tendo presente informações, habilidades, procedimentos e valores componentes da conduta de construção. Pois o melhor diagnóstico possibilitará a melhor intervenção e, conseqüentemente, os melhores resultados.

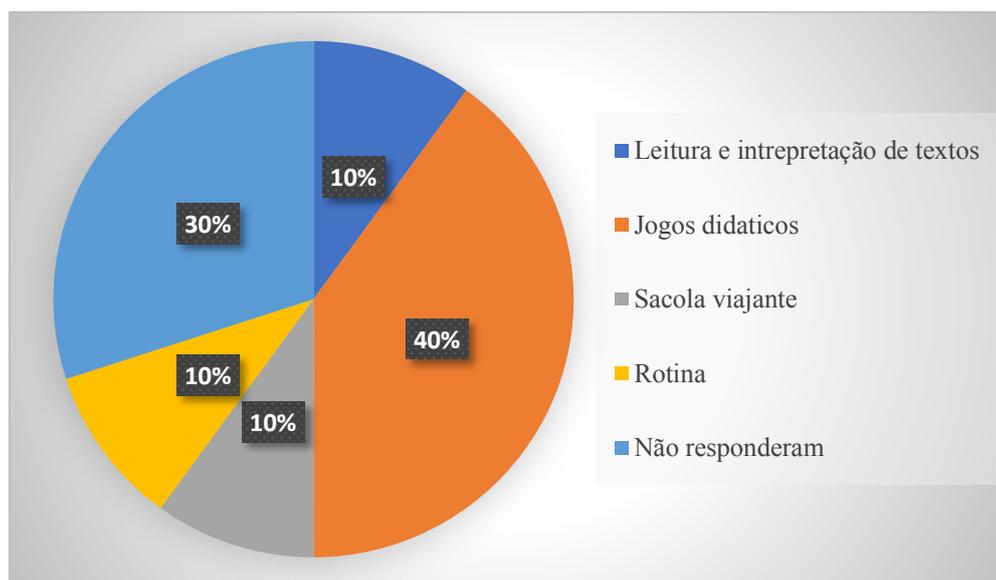
Assim, cabe ao docente utilizar a melhor estratégia para fazer o diagnóstico de seus educandos, tendo em vista tomar a decisão para que o aluno possa avançar no seu processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação deverá ser entendida como instrumento de conhecimento do estágio da aprendizagem do educando, assim de acordo com Luckesi (2011), a avaliação possibilita ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que sai do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários.

Observa-se através dos dados abaixo que os professores indicaram diversas estratégias para se aplicar uma avaliação ao lidar com as dificuldades de aprendizagem.

No que diz respeito a metodologia utilizada para facilitar o processo de ensino aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem (questão 7)

Para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, o professor pode utilizar diferentes metodologias, partindo disso, 40% dos entrevistados ressaltaram que utilizam jogos didáticos para facilitar o processo de aprendizagem, 10% utilizam da leitura e interpretação de textos, 10% usam a metodologia da sacola viajante, a mesma funciona da seguinte maneira, é entregue ao aluno uma sacola personalizada com um livro de história e uma atividade onde o aluno terá que realizar a partir da leitura do livro, 10% trabalham apenas com a rotina, 30% não responderam qual metodologia os mesmos utilizam para facilitar o processo de ensino aprendizagem, como mostra o gráfico 6.

Gráfico 6. Metodologia utilizada para facilitar o processo de ensino aprendizagem



Fonte: própria

Nesse sentido, os jogos e brincadeiras levam as crianças a adquirirem diversas experiências que propiciam a interação com o outro, além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e principalmente a concentração. Pois, segundo Friedman (1996, p. 41) os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo. Neste contexto, Kishimoto (1993, p.110) ressalta que:

Brincando as crianças aprendem a cooperar com os companheiros, a obedecer às regras do jogo, a respeitar os direitos dos outros, a acatar a autoridade, a assumir responsabilidades, a aceitar penalidades que lhe são impostas, a dar oportunidades aos demais, enfim, a viver em sociedade.

Os jogos educacionais são um recurso enriquecedor, e não devem ser vistos como mero passatempo, mas sim como um recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem. Assim, de acordo com as respostas dos docentes, a metodologia é um fator importante na busca de alternativas para que esse processo seja mais simples, dinâmico e prazeroso é nesse contexto que os jogos e brincadeiras tem uma importância fundamental, devido a favorecer esse processo de aquisição do conhecimento adquirido na escola.

Projeto para facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem (questão 8)

Com se observa no gráfico 7, de acordo com as respostas dos professores, 50% das escolas realizam projetos de incentivo à leitura para facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, 10% utilizam a sacola viajante, 20% não desenvolvem nenhum projeto, 20% não responderam.

Gráfico 7. Projetos desenvolvidos para facilitar o processo de ensino aprendizagem



Fonte: própria

Assim, a aprendizagem da leitura é essencial para compreensão do mundo em que vivemos. Nesse sentido, ao se tratar da leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.69) apontam que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Nesse viés, o indivíduo deve ser capaz de utilizar a leitura, de forma a compreender e representar o mundo, transformando-a em conhecimento. Por isso, a leitura deve ser vista como uma fonte inesgotável de sabedoria e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos.

Ações desenvolvidas pelo município de Timbiras para se trabalharem com os alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita (questão 11 e 12)

Os professores entrevistados, pontuaram nos questionários a importância de se ter uma equipe multidisciplinar para auxiliar os professores com as crianças que apresentam dificuldades, bem como o acompanhamento das famílias nos projetos oferecidos pela escola.

Os dez entrevistados responderam que deveria ter um acompanhamento e um diagnóstico realizado por um profissional, ou seja, de um psicopedagogo para realizar um diagnóstico mais especializado, pois os professores realizam apenas uma observação das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Deste modo, ao compreender a importância de uma avaliação de um psicopedagogo, Ciasca (2003) ressalta que “a avaliação psicopedagógica pressupõe a compreensão de que esse tipo de abordagem considera a criança como um todo e, desse modo, todos os possíveis aspectos que possam estar relacionado ao problema de aprendizagem”. Assim, essa avaliação serve para identificar as dificuldades e possíveis interferências no processo de ensino aprendizagem, para assim ajuda-los a contornar esse problema. Pois, o psicopedagogo, ao avaliar o aluno leva em consideração a influência de fatores internos e externos para assim compreender o grau de dificuldade que esse sujeito possui.

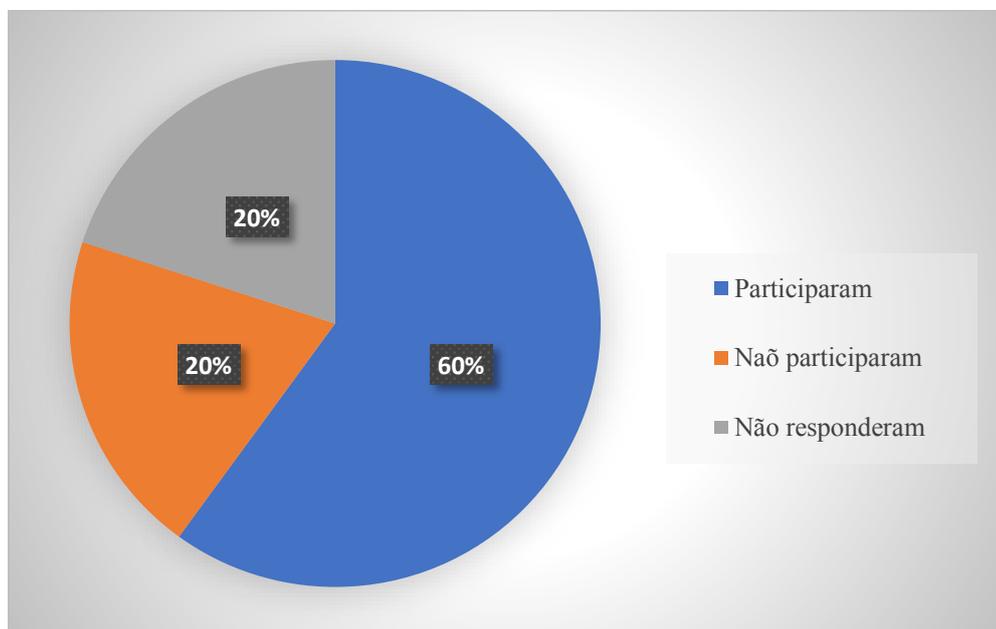
Perceber o quanto o psicopedagogo é importante na instituição escolar, pois este profissional estimula o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino compatíveis com as mais recentes concepções a respeito desse processo.

Nesse sentido, sabemos que as escolas não contam com o auxílio desse profissional, e que ainda estamos muito longe de obter tais profissionais nas escolas. Mas, deve-se ressaltar que, apesar de não contar com esses profissionais nas escolas, não só as professoras, bem como toda equipe escolar deve estar atenta para se trabalhar com essas crianças que apresentam alguma tipo de dificuldade de aprendizagem e assim trabalhar de maneira na qual essas as crianças não sofram no processo de ensino aprendizagem. Nesse viés, é importante ressaltar a relevância da formação continuada, pois devido à falta de capacitações necessárias para atuação no campo das dificuldades de aprendizagem, pois os mesmos ressaltaram as dificuldades em se trabalhar com esses alunos.

Portanto, no que se refere a participação dos docentes em formação referente às dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, de acordo com gráfico 8, percebe-se que 60% dos entrevistados já participaram de formações, vale pontuar que a formação que os

docentes ressaltam é semana pedagógica e palestra. 20% ressaltaram que não participaram de nenhuma formação, 20% não responderam.

Gráfico 8. Formação a acerca da temática



Fonte: própria

Mas deve-se ressaltar, que as escolas necessitam que os professores estejam atentos para enfrentar quaisquer tipos de desafios que possam surgir no contexto da sua atividade profissional, principalmente quando se trata de dificuldades de aprendizagem. Ao almejar um resultado satisfatório evidencia a necessidade de uma formação profissional qualificada, para que os professores desenvolvam competência e habilidades necessárias para o atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, ressaltando que os professores entrevistados possui formação em pedagogia.

Deste modo, a formação docente é um aperfeiçoamento da ação pedagógica para responder às necessidades de cada aluno, e assim favorecer as condições que lhe são necessárias para que se efetive o máximo possível de aprendizagem.

Portanto, de acordo com dados apresentados compreende que muitas atividades precisam ser desenvolvidas não só pelo município mais por todo corpo docente escolar. Barreiras precisam ser quebradas e um delas é negação de informações que alguns professores não se disponibilizam a fornecer. O mesmo, foi dos impasses encontrado por mim durante a realização da pesquisa de campo e isso se estende aos dados do município e principalmente da educação que ainda são escassos. A falta de dados referente ao município de Timbiras é algo que se deve pensar em como transcrever tantas histórias que ainda não foram escritas, de pensar

o quanto essas informações iram beneficiar estudantes, professores, gestores e todo município em conhecer mais de sua própria história. Pois, o único momento em que as escolas relatam a história de Timbiras é quando se aproxima do aniversário da cidade. Nessa perspectiva, pretende com essa pesquisa, a partir dos dados obtidos com as respostas dos docentes que atuam nas turmas do 3º ano, possam beneficiar a criação de estratégias, projetos, bem como, a criação de equipe multidisciplinar para que possam trabalhar com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e assim fazer com essas crianças desenvolvam no processo de leitura e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender que a avaliação seja ela simples ou complexa, tem a função de obter algum resultado seja ele satisfatório ou não, pois a todo momento utilizamos a avaliação no nosso cotidiano. Nesse sentido, de acordo com Luckesi (2011), o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária, ressalta ainda que essa investigação sobre desempenho escolar dos estudantes, gera um conhecimento sobre estado de aprendizagem, ressaltando o que ele aprendeu e o que ainda necessita aprender.

Haja vista que a avaliação diagnóstica deva ser o ponto de apoio para a intervenção e tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que impedem a aprendizagem dos alunos, o objetivo deste trabalho foi verificar quais são as dificuldades de aprendizagem mais presentes em sala de aula e que estratégias os docentes entrevistados adotam para a melhoria do processo de ensino aprendizagem.

Deste modo, a partir das respostas dos professores, foi possível perceber que as dificuldades mais presentes em sala e aula, é a dificuldade em aprender a ler e escrever, bem como o não reconhecimento dos números. Nessa perspectiva, 10% dos professores compreendem que o diagnóstico inicial consiste em informar ao professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, bem como, ajuda o mesmo na criação de estratégias, com foi pontuado. Ressalto, que não se teve contato com a avaliação diagnóstica realizada pelos docentes.

Neste viés, sabemos que a criança com dificuldade de aprendizagem é aquela que apresenta algumas dificuldades na aquisição dos conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculos. Não podemos, no entanto, determinar que as dificuldades escolares sejam de responsabilidade da criança, apenas. É preciso levar em conta o contexto sociocultural e a organização do trabalho pedagógico.

Dessa forma, vale salientar que a avaliação não é processo fácil e rápido. Avaliar é promover a oportunidade de uma ação-reflexão, ou seja, o educador enquanto mediador do conhecimento, precisa ter atenção, compreensão e reflexão do seu trabalho como docente, para que possa perceber todas as manifestações do aluno durante a sua caminhada no processo de ensino aprendizagem. Segundo Luckesi (2011) a avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não livra, ela faz parte de seu ser e por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível.

A função da avaliação é orientar a ação pedagógica e não apenas constatar certo nível de aprendizagem do aluno. Torna-se, desse modo, uma atividade iluminadora e alimentadora do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que dá retorno ao professor sobre como melhorar o ensino, possibilitando correções no percurso, e retorno ao aluno sobre seu próprio desenvolvimento. Nessa perspectiva, as decisões a serem tomadas a respeito dos conteúdos, métodos e objetivos necessitam de informações que vêm da avaliação.

As crianças que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita aprendem conforme os outros alunos, apenas com mais dificuldades. Nesse sentido, o professor deve estar atento em sala de aula, bem como é necessário que o mesmo tenha a sensibilidade e tolerância com as diversas manifestações das dificuldades apresentadas pelos alunos, para que assim possam encaminhá-los para os profissionais aumentando a possibilidades de o aluno aprender. Vale ressaltar, que o professor deve sempre buscar se aperfeiçoar para que o mesmo possa trabalhar com as dificuldades encontradas na sala de aula.

Portanto, fica evidente que ainda muito tem a se fazer para que trabalho com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem sejam satisfatórios, assim é importante a criação de um pre-diagnóstico para que os docentes trabalhem de maneira a incluir todos os alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, para que assim possam aumentar o índice de aprendizagem das escolas em especial dos alunos que são os principais sujeitos da aprendizagem. Ressalto também, a relevância de trazer a família para dentro do contexto escolar e que para isso ocorra é necessário que o corpo docente faça estratégias para fazer um trabalho de parceria entre família e escola. Além disso, o corpo docente deve também está preocupado em buscar formações para que os docentes possam realizar da melhor maneira essa observação das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e assim ter um melhor desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGERI, M. S. **Dificuldades de aprendizagem na escrita: um olhar psicopedagógico.** Revista de Educação do IDEAU. Vol. 9 – Nº 20 - Julho - Dezembro 2014

ANTUNES, C. **A dimensão de uma mudança. Atenção, criatividade, disciplina, distúrbios de aprendizagem, propostas e projetos.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ARAÚJO, L. C.; CUNHA, R. C. **Os homens na docência e a feminização do magistério.** XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. II Seminário de representações sociais, subjetividades e educação. SIRSSE. IV Seminário Internacional sobre profissionalização docente-SIPD/CATEDRA UNESCO. Curitiba, 2013.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf > Acesso 20 maio 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de Dezembro de 1988.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos /** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 1997.

CARDOSO, M. A.; GOMES, M. C. S. **O processo de avaliação e a prática educativa emancipatória: um estudo sobre a prova como instrumento de avaliação escolar.** Cadernos da pedagogia. São Carlos, ano 9 v.9 n.18, p. 26 – 42, jan/jun 2016.

CARVALHO, F. B.; CRENITTE, P. A.; CIASCA, S. M. Distúrbio de aprendizagem na visão do professor. **Revista Psicopedagogia**, v. 24, n. 75, p. 229-239, 2007.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DEMO, P.. **Avaliação qualitativa.** 6ª Edição, Campina, SP: Autores Associados, 1999.

FEITOSA, A. Y. S.; NUNES, J. A. **APRENDIZAGEM: as dificuldades em foco.** Fórum Internacional de pedagogia. IV FIPED. Parnaíba, PI, 2012.

FRIEDMANN, A. Brincar, crescer e aprender: **o resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.

GARCIA, J. N. **Manual de Dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática.** Editora ARTMED. Porto Alegre, 1998.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior.** São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

- GIMENEZ, E. H. R. Dificuldades e aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem. **Revista de educação**. V.8, 2005.
- GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia**, Ilhéus, BA, v. 6, p. 17-80. 2012.
- HAYDT, R. C. **Avaliação no processo de ensino – aprendizagem**. Ática, 7ª ed. 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DA GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 7. Junho. 2019.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos Tradicionais Infantil**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1993
- HOFFMANN, J. Avaliação mediadora: **uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 7.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- KLEIN, R. B.; TARRABAIKA, A. P. **Dificuldades de aprendizagem: uma abordagem teórica**. Ensino & Pesquisa.Revista da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Campus de União da Vitória.n. 11 v. 1. 1º semestre de 2013.
- KRAEMER, M. E. P. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. 2006
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2ºGrau Série Formando Professor, 1994.
- LOPES, A. **Será que seu aluno é disléxico?** Nova Escola, São Paulo, ano XXII, v. 220, p. 66-69, dez., 2005.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Avaliação da aprendizagem da escolar: estudos e preposições**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARANHÃO. Governo do Estado, Escola Digna: **caderno de orientações pedagógicas-caderno de Avaliação de Aprendizagem**. / Secretaria de estado da Educação. São Luis, 2017.
- MARANHÃO. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília, DF: Senado Federal, 1997.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Timbiras. **Timbiras: a vida e o progresso simbolizam um ideal**. São Luís, 1992.
- MASETTO, M. **Didática: A aula Como Centro**. São Paulo: Editora FTD S. A,1997.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia da educação**. -São Paulo: Ática, 1993. PRADO, Danda. O que é família. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PADILHA, I. A. Dificuldades de aprendizagem – uma reflexão sobre a prática docente. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET** – ISSN 2175-1773, ENSAIOS PEDAGÓGICOS. Julho de 2012.

PINHEIRO, J. M. **Da iniciação científica ao TCC**: uma abordagem para os cursos de tecnologia. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010. xv, 161 p.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. 7. ed. Vozes. Petrópolis 2001.

SANTOS, M. R.; VARELA, S. **A avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. [S.I.]: Revista Eletrônica de Educação. Ano 1, n. 01, ago./dez, 2007.

SANTOS, C. C. R.. **A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial**. 2014. 61 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014

SANTOS, E. P. **Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2015.73f. Monografia (apresentada ao final do curso de Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UNB, Goiás.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, A. F. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. Alvorada, 2010.

SOARES, G. R. **As Dificuldades de aprendizagem de leitura e de escrita**. III Congresso Nacional de Educação. CONEDU. Natal, Rio Grande do Norte, 2016.

SOBRINHO, J. D. **Construindo o campo e a crítica: o debate**. In: FREITAS, L.C. (Org.) **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002. p.167

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto alegre; Armetd,1998.

ANEXO

PESQUISA: DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM
ORIENTADORA: CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA
ORIENTANDA: ROSANA CAMPOS RODRIGUES
CURSO: PEDAGOGIA – UFMA/Campus Codó

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Formação acadêmica: _____

Turma/ano de atuação: _____ **Turno:** _____

Quantidade de aluno: _____ **Tempo de profissão:** _____

Alunos: () pré-silábico () silábico () silábico-alfabético ()
alfabético

Quantidade de alunos com necessidades educativas especiais: ()

Quais? _____

1. Você considera que tem alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem? ()sim
() não Quais?

2. Quais dificuldades de aprendizagem estão mais presentes na sua sala?

3. Você utiliza alguma estratégia para fazer o diagnóstico das dificuldades dos seus alunos?

4. Como você avalia os alunos com dificuldades de aprendizagem?

5. Na sua opinião, quais são os fatores que contribuem para que seus alunos apresentem dificuldades de aprendizagem?

6. Qual a sua maior dificuldade/desafio em trabalhar com esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem?

7. Que metodologia você utiliza para facilitar o processo de ensino aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem?

8. Em sua opinião, o que deve ser feito para mudar a qualidade do Ensino fundamental e melhorar o processo de ensino e aprendizagem?

9. O corpo docente da escola desenvolve algum projeto para facilitar o processo de ensino e aprendizagem desses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem? Quais?

10. O município fornece algum acompanhamento para esses alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem? Quais?

11. Em sua opinião como o município pode trabalhar com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos?

12. Você já participou de alguma formação continuada recentemente sobre a temática?

Data da entrevista: ___ / ___ / ___